UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

LÍVIA MAYARA SANTOS LAURENTINO

A CONSTRUÇÃO DE REFERENTES E A AMPLIAÇÃO ENUNCIATIVA EM *WEBNOTÍCIAS* NO *INSTAGRAM*: DISCUSSÃO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL E REFLEXÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Recife
2023

LÍVIA MAYARA SANTOS LAURENTINO

A CONSTRUÇÃO DE REFERENTES E A AMPLIAÇÃO ENUNCIATIVA EM *WEBNOTÍCIAS* NO *INSTAGRAM*: DISCUSSÃO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL E REFLEXÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras Português - Licenciatura, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

Orientadora: Prof.(ª) Drª. Sônia Virginia Martins Pereira

Recife
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Laurentino, Lívia Mayara Santos.
A construção de referentes e a ampliação enunciativa em webnotícias no Instagram: discussão sobre a violência contra a mulher no Brasil e reflexões para o ensino de língua portuguesa / Lívia Mayara Santos Laurentino. - Recife, 2023.
64 p. : il., tab.

Orientador(a): Sônia Virgínia Martins Pereira
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura, 2023.

1. Referentes. 2. Ampliação enunciativa. 3. Violência contra a mulher. 4. Webnotícias. 5. Instagram. I. Pereira, Sônia Virgínia Martins. (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

LÍVIA MAYARA SANTOS LAURENTINO

A CONSTRUÇÃO DE REFERENTES E A AMPLIAÇÃO ENUNCIATIVA EM *WEBNOTÍCIAS* NO *INSTAGRAM*: DISCUSSÃO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL E REFLEXÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras Português - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

Aprovada em: 05/10/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador/a
Prof.(ª) Drª. Sônia Virginia Martins Pereira
Departamento de
Letras/UFPE

Examinador/a
Prof.(ª) Dr.ª Maria Sirleidy de Lima Cordeiro
Fundação Getulio Vargas

Dedico este trabalho à Maria da Luz Santos de Santana, minha mãe. Mulher que me inspira e me encoraja todos os dias a acreditar no bem, nas pessoas e na educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço sobretudo a **Deus**, por sempre me mostrar os caminhos possíveis de percorrer nessa e em outras jornadas, por me iluminar e me abençoar sempre, me concedendo tudo o que é necessário no momento. E à energia que emana do universo por me manter viva e resiliente para alcançar meus sonhos e objetivos.

À mim mesma, por ter conseguido me manter forte, equilibrada e perseverante no processo, acreditando sempre no propósito, apesar de todas as dificuldades.

À **minha mãe**, por todo amor e carinho, cuidado, preocupação, apoio, força, paciência, compreensão e sensibilidade. Sem ela, esse trabalho não existiria.

À minha tia **Severina dos Santos** e ao meu pai **José Laurentino,** por se orgulharem da profissão que escolhi e sempre me remeterem com carinho como "minha professorinha". As palavras e o carinho de vocês significaram muito pra mim nos dias difíceis dessa caminhada.

À todos do **Projeto a Caminho do Futuro** e da **Comunidade Espírita Elias Sobreira** por sempre me acolherem e me incentivarem tanto. Sempre serei grata por tudo que fizeram por mim desde que me entendo como parte do mundo terrestre.

Ao casal **Vera Lúcia** e **Luizandes Barreto**, agradeço pelo afeto, cuidado e acolhimento de sempre. Obrigada por acreditarem em mim!

Às minhas amigas de turma e do grupo "Graduandas em circo": **Bárbara**, **Deborah**, **Beatriz**, **Eloá**, **Marcela**, **Clara**, **Letícia**, **Gabi** e **Ester**. Obrigada por tornarem tudo mais leve, divertido e agradável. Agradeço pela amizade e a parceria nos últimos anos, sem vocês, eu não teria conseguido chegar até aqui.

Aos amigos e amigas, agradeço a compreensão por me ausentar dos encontros para dedicar-me ao trabalho e à torcida para que tudo desse certo.

Às meninas, **Amanda Félix** e **Eloísa Sá Barreto**. Pelo incentivo e estímulo frequente para terminar o trabalho durante os dias que passamos juntas em Salvador-BA. À Amanda, especialmente, por ter me auxiliado nesse momento emprestando o notebook. Obrigada meninas, nutro um carinho especial por vocês.

Ao meu frajola, filho e pet, **Theo**, pela companhia (às vezes, dormindo) durante as madrugadas e meses de escrita do trabalho. Obrigada por sempre demonstrar afeto e me arrancar sorrisos em momentos oportunos.

Agradeço à **Prof.ª Dr.ª Sônia Virgínia Martins Pereira** por ter aceitado o convite em ser minha orientadora e por acompanhar-me e contribuir de forma relevante no processo. Obrigada pelas orientações e contribuições sempre valiosas.

Ao **Grupo de Estudos do Texto (GESTO)**, pelas discussões e partilhas enriquecedoras que sempre suscitam novos questionamentos e aprendizados nesta área que me conquistou desde o primeiro semestre na universidade: A Linguística Textual.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à professora **Prof.ª Dr.ª Suzana Leite Cortez**, por ter sido luz no início da minha graduação e se tornado motivo de inspiração e admiração profissional.

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta. (Cecília Meireles)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo observar a construção de referentes e a ampliação enunciativa em *webnotícias* do *Instagram* que tratam de casos de violência contra a mulher no Brasil. Os pressupostos teóricos da Linguística Textual embasaram nossa pesquisa tomando a referenciação como uma atividade discursiva de (re)construção dos objetos de discurso que contribui ativamente para a produção e a compreensão dos sentidos nos textos (CAVALCANTE, 2013; KOCH E ELIAS 2006). Sob essas bases, estabelecemos interlocuções teóricas com a Análise do Discurso Digital (PAVEAU, 2022) atreladas ao conceito de machismo estrutural (HINTZE, 2021), o que possibilitou tomar alguns conceitos como categorias de análise notadamente tecnogêneros de discurso, ampliação enunciativa e comentário *online* tratados na proposição da reflexão sobre os discursos digitais acerca da violência contra a mulher e as implicações para o tratamento desta temática no ensino de língua portuguesa. Para a coleta da materialidade textual na internet, utilizamos duas sintaxes de busca na ferramenta de monitoramento de redes sociais *CrowdTangle* (Meta, Inc.) para selecionar as *webnotícias* pertinentes à análise, de acordo com o maior número de interações nas publicações. Para tal propósito, a pesquisa, que possui caráter descritivista-interpretativista (GIL, 2008), de abordagem qualitativa (MINAYO, 2001) concentrou a formação do *corpus* em duas *webnotícias* dos perfis jornalísticos Portal G1 e Diário de Pernambuco. Destarte, identificamos durante a análise os processos referenciais de introdução referencial, anáfora direta e anáfora indireta, retomada, recategorização referencial e as dêixis temporal e espacial nas legendas das *webnotícias* referentes a casos de violência contra a mulher. Também foi possível perceber a realização da ampliação enunciativa e a presença de vestígios e evidências do machismo estrutural nos discursos dos comentários analisados a partir das *webnotícias*. Como conclusão, a pesquisa revela como as estratégias referenciais textuais e o uso de recursos tecnolinguageiros específicos do discurso digital contribuem para a construção dos sentidos e da progressão temática no tecnogênero analisado; a forma que os comentários digitais ampliam enunciativa e discursivamente o texto primeiro, introduzindo inclusive diferentes posicionamentos, assim como a (re)produção do paradigma do machismo estrutural em assuntos como a violência contra a mulher no Brasil; e, por fim, a pertinência de abordagens didáticas através da temática transversal da Relação de Gênero (PERNAMBUCO, 2021), com o propósito de estimular o pensamento crítico e reflexivo nos estudantes da educação básica sobre a violência contra a mulher na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Referentes. Ampliação enunciativa. Violência contra a mulher. *Webnotícias.* Instagram.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo percibir la construcción de referentes y la expansión enunciativa en las noticias web *Instagram* qué abordan casos de violencia contra las mujeres en Brasil. Los supuestos teóricos de la Lingüística Textual sustentaron nuestra investigación, tomando el referenciamiento como una actividad discursiva de (re)construcción de objetos del discurso qué contribuye activamente a la producción y comprensión de significados en los textos (CAVALCANTE, 2013; KOCH Y ELIAS 2006). Además, las categorías de análisis de tecnogéneros del discurso, amplificación enunciativa y comentario *online* tratados en Digital Discourse Analysis (PAVEAU, 2022) relacionados al concepto de machismo estructural (HINTZE, 2021) al proponer una reflexión sobre los discursos sociales y las implicaciones de estos en el aula. Para ello, utilizamos dós sintaxis de búsqueda en la herramienta de monitoreo de redes sociales CrowdTangle (Meta, Inc.) para seleccionar las noticias web relevantes para el análisis de acuerdo con el mayor número de interacciones en las publicaciones. Pronto, la investigación, que tiene carácter descriptivista-interpretivista (GIL, 2008) y enfoque cualitativo (MINAYO, 2001), concentró la formación del corpus en dos noticias web de los perfiles periodísticos Portal G1 y Diário de Pernambuco. Así, durante el análisis identificamos los procesos referenciales de introducción referencial, anáfora directa y anáfora indirecta, reanudación, recategorización referencial y la deixis temporal y espacial en los subtítulos. Así como la constatación de la ampliación enunciativa y la presencia de huellas y evidencias de machismo estructural en los discursos de los comentarios analizados desde las noticias web. En conclusión, la investigación revela cómo las estrategias referenciales textuales y el uso de recursos lingüístico-discursivos específicos contribuyen a la construcción de significados y progresión textual en el género; la forma en que los comentarios digitales amplían enunciativa y discursivamente el texto primero, introduciendo incluso posiciones diferentes, así como la (re)producción del paradigma del machismo estructural en temas como la violencia contra las mujeres en Brasil; y finalmente, la relevancia de los enfoques didácticos a través del tema transversal de las Relaciones de Género (PERNAMBUCO, 2021) con el objetivo de estimular el pensamiento crítico y reflexivo en estudiantes de educación básica sobre la violencia contra las mujeres en la sociedad brasileña.

Palabras clave: Referentes. Expansión enunciativa. Violencia contra las mujeres. Noticia web. Instagram.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Linha de evolução sintaxe I ……43
Figura 2 – Linha de evolução sintaxe II……43
Figura 3 – Captura de tela da *webnotícia* 1……45
Figura 4 – Legenda da *webnotícia* 1……46
Figura 5 – Comentário A – *Webnotícia 1*……49
Figura 6 – Comentário B – *Webnotícia 1*……51
Figura 7 – Captura de tela da *webnotícia* 2……52
Figura 8 – Legenda da *webnotícia* 2……53
Figura 9 – Comentário A – *Webnotícia* 2……55
Figura 10 – Comentários B e C – *Webnotícia* 2……57
Figura 11 – Comentário D – *Webnotícia* 2……58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de dêixis ……23
Quadro 2 - Sintaxe de busca I ……..41
Quadro 3 - Sintaxe de busca II ……42

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 - Recorte da violência de gênero ……38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Anáfora direta
ADD	Análise do Discurso Digital
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
IG	Instagram
STJ	Superior Tribunal de Justiça

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 14

1.1 Contextualização e razão do tema ……14

1.2 Objetivos geral e específicos……17

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 18

2.1 Linguística textual e a Referenciação como atividade discursiva……..18

2.2 Pressupostos teóricos da Análise do Discurso Digital……26

2.2.1 A ecologia do discurso……...27

2.2.2 Gêneros nativos digitais ……27

2.2.3 Ampliação enunciativa……28

2.2.4 O comentário digital……29

2.3 Machismo estrutural e a relação de gêneros……32

3 METODOLOGIA 39

4 ANÁLISE DE DADOS……...44

4.1 Descrição e análise da *webnotícia* 1……45

4.2 Descrição e análise da *webnotícia* 2……52

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 59

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização e razão do tema

Diante do alto índice de feminicídio e da violência contra a mulher no Brasil, nos últimos anos, admite-se que esse é um fenômeno de cunho social que atravessa a realidade de diversas mulheres brasileiras, perpassando inclusive o aspecto socioeconômico, e que tem impulsionado o movimento feminista[1] a cada vez mais ecoar vozes acerca do tema com o desenvolvimento de campanhas e mobilização política de órgãos públicos.

Em vista disso, objetivamos a análise da construção de referentes em *webnotícias,* de perfis jornalísticos do *Instagram* que noticiam casos dos diferentes tipos de violência contra a mulher incluindo o feminicídio, além da análise de alguns dos comentários das publicações que compõem o *corpus*, a fim de perceber a ampliação enunciativa (Paveau, 2022) do tema através das categorias de processos referenciais construídos nos textos a serem analisados. Essa abordagem busca perceber como a naturalização do machismo estrutural (HINTZE, 2019) se revela linguística e discursivamente até nos momentos de dor, violência e luto por mulheres violentadas, através da análise da construção de elementos textuais, multissemióticos e discursivos a partir do ambiente digital e dos seus aspectos tecnolinguageiros.

A atualidade do problema da violência contra a mulher, bem como a necessidade de combatê-lo atinge a todos os setores sociais e não pode ser deixado de lado quando se pensa em processos educacionais voltados para a reflexão sobre os problemas que afetam toda a sociedade. Assim é que o Currículo de Pernambuco do ensino médio (2021) sugere como tema transversal a Relação de Gênero, incluída nessa temática a Lei nº 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, que busca a abordagem nas escolas da perspectiva da ‘igualdade de gênero’ pautando um sistema escolar inclusivo que parta da criação de ações didáticas que visem o combate à

[1] É preciso ressaltar o fato de que há várias perspectivas no movimento feminista, portanto, ele não é uno. Akotirene (2018) aborda a interseccionalidade como conceito que perpassa a vivência de diversas mulheres negras que durante décadas não tinham suas pautas apercebidas e cotidianamente tinham suas relações sociais sendo atravessadas e sobrepostas por questões de gênero, classe e raça. Bem como, Jesus (2014) discorre sobre o transfeminismo, a partir de pressupostos teóricos, discussões de movimentos sociais e políticas públicas ao considerar também a inserção de mulheres transexuais e travestis no feminismo. Dessa forma, o presente trabalho reconhece a impossibilidade de citar um feminismo único e global e passa a considerar o conceito de interseccionalidade – e eventualmente, se necessário, o de transfeminismo – nas abordagens acerca do movimento feminista durante a análise do *corpus*.

discriminação e à continuidade das desigualdades entre homens e mulheres que insistem em criar raízes na sociedade atual.

No primeiro semestre de 2022, a Sexta Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ) decidiu que a Lei Maria da Penha deve, também, ser aplicada aos atos de violência doméstica/familiar contra mulheres transgêneras. Rogerio Schietti Cruz, o relator do recurso, decidiu em favor por considerar a vítima mulher, em razão da sua identificação de gênero e não seu sexo biólogico[2], além do contexto familiar referente a agressão sofrida de uma jovem trans por parte do seu pai – decisão do recurso referente a este caso –. Dessa forma, o cumprimento do preceito legal do artigo 5º, dispõe que ″(...]configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no **gênero**(...)″ (BRASIL, 2006, grifo nosso).

Entretanto, o feminicídio – geralmente, último estágio da violência – incorporado no Código Penal no rol de crimes hediondos pela Lei de nº 13.104 no dia 9 de março de 2015, através do Art 1º reconhece a violência doméstica e familiar e/ou discriminação à condição de mulher em virtude do sexo feminino (Brasil, 2015, grifo nosso). Em outros termos, há uma divergência nas definições e entendimento do aparato judicial acerca do reconhecimento e identificação social do gênero mulher, o que suscita uma embaraçosa relação entre as duas leis mais relevantes e essenciais deste cenário de violência contra a mulher. Atualmente, uma discussão desenrola-se sobre a (in)aplicabilidade da qualificadora do feminicídio incluir mulheres transexuais e travestis em seus recursos, trazendo à tona diferentes perspectivas, da mais conservadora à mais progressista, para o polêmico debate no Tribunal de Júri.

Apesar também, dos altos índices de violência contra mulheres transexuais e travestis, a sociedade brasileira permanece envolta em um cenário regido pela heteronormatividade, no qual há extrema negligência dos direitos à parcela de mulheres não reconhecidas judicialmente como tais, nem mesmo quando são violentadas e assassinadas em decorrência de suas identidades de gênero. Por esse motivo, ao considerar as inconsistências do parâmetro judicial e principalmente, observar nas notícias analisadas um número majoritário de mulheres cisgêneras agredidas e vítimas de feminicídio (sobretudo, em relacionamentos heteronormativos), consideramos neste trabalho, o recorte dessas mulheres para a discussão proposta.

Assim, ainda acerca da relação de gênero, o documento curricular expressa as possibilidades de abordagem da problemática:

---

[2] Na próxima seção, trataremos de modo mais detalhado o conceito de gênero abordado neste trabalho.

> A garantia desse debate e a elaboração de estratégias de enfrentamento às diversas formas de violência são, portanto, direitos assegurados por lei. Esses são pautados em demandas emergenciais e que reafirmam a necessidade dos espaços escolares serem lócus de promoção da cidadania e respeito às diferenças (PERNAMBUCO, 2021, p.34).

Assim, urge necessário exprimir a relevância da temática para o ensino básico à medida em que se realiza o trabalho investigativo de observação e análise do comportamento social, através do uso das mídias sociais, acerca do tema. Isto com o objetivo de perceber os discursos construídos, principalmente os possíveis preconceituosos e discriminatórios relacionados à ideia de inferioridade ou superioridade de qualquer identidade ou expressão de um gênero sobre outro.

Em consonância com o que é proposto pelo documento curricular oficial para as escolas pernambucanas, decidimos, então, propor um trabalho de análise de processos referenciais e da ampliação enunciativa em um gênero nativo digital do *Instagram*, especificamente, a *webnotícia,* para fins de reflexão sobre a transversalidade do ensino de língua portuguesa. Para tanto, como questões norteadoras, temos: a) Como *webnotícias* que circulam na rede social *Instagram* constroem referentes sobre a violência de gênero e quais os modos de ampliação enunciativa sobre essa temática, no discurso nativo digital, b) Qual a pertinência da transversalização do tema no ensino de língua portuguesa?

Para amparar a razão da pesquisa, a delimitação do tema com a temática da violência contra a mulher foi motivada pelos dados estatísticos da quarta edição da pesquisa “Visível e invisível: a vitimização de Mulheres no Brasil”, realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e Instituto Datafolha, em parceria com a *Uber,* entre os dias 9 e 13 de janeiro de 2023, com entrevistas feitas em 126 municípios de pequeno, médio e grande porte, conduzidas pelas Pesquisadoras Samira Bueno, Juliana Martins, Juliana Brandão, Isabela Sobral, Amanda Lagreca.

À vista da perspectiva em que o trabalho visa ser elaborado, faz-se necessário citar e apresentar os nomes das mulheres responsáveis pela coleta de dados sobre a realidade brasileira relacionada à temática discutida, mais por questões de representatividade e embate social, em defesa de diversas mulheres brasileiras violentadas – e, por muitas vezes, mortas – no país.

Segundo a pesquisa, mais de 18 milhões de mulheres sofreram alguma forma de violência no ano de 2022, além do que todas as formas de violência contra a mulher apresentaram crescimento proeminente comparado aos anos anteriores em que a pesquisa foi realizada. Como designação dos tipos de violência contra a mulher considerados na pesquisa, tem-se: ofensas verbais, amedrontamento ou perseguição,

chutes e socos (agressão física), espancamento ou tentativa de estrangulamento e, por fim, ameaça com faca ou arma de fogo.

Apesar dos números de feminicídio e homicídios dolosos de mulheres neste mesmo ano, ainda não terem sido divulgados, a crescente taxa de casos apresentados na pesquisa aponta para números elevados também nas modalidades de violência letal contra essas mulheres, promovidas inclusive, pela grande maioria dos seus parceiros íntimos ou ex-cônjuge, companheiro ou namorado. Este último aparece na pesquisa pela primeira vez como principal agressor com 31,3%, seguido do cônjuge/companheiro/namorado com 26,7%. A pesquisa não apresenta dados sobre entrevistas à mulheres cis, transexuais ou travestis.

Por conseguinte, consideramos também a crescente divulgação de *webnotícias* sobre o assunto no ambiente digital, especificamente nas mídias sociais, revelando a importância do tema de pesquisa para a análise da mobilização de mecanismos discursivos, sociais, linguísticos e digitais na circulação de casos de violência contra a mulher, em perfis jornalísticos no *Instagram,* buscamos, portanto, a reflexão sobre a transversalidade do tema, como proposto pelo Currículo de Pernambuco (2021) para o ensino de língua portuguesa.

1.2 Objetivos geral e específicos

Em consideração à razão da pesquisa, buscamos compreender como a construção de referentes, em *webnotícias* publicadas em perfis jornalísticos da rede social *Instagram,* evidencia a violência de gênero, a partir do conceito de gêneros nativos digitais e da noção de ampliação enunciativa.

No incremento e desenvolvimento do objetivo geral, que se estabelece em: analisar a construção de referentes e a ampliação enunciativa, em *webnotícias* de perfis jornalísticos do *Instagram,* que noticiam casos de feminicídio e violência contra a mulher, tomamos sustentação nos seguintes objetivos específicos:

1. Identificar os processos de referenciação em *webnotícias* refletindo, através da noção de gêneros nativos digitais, sobre a temática da violência contra a mulher, em perfis jornalísticos do *Instagram;*
2. Observar no gênero *webnotícia,* bem como a descrição das legendas, os modos de construção de referentes, no ambiente nativo digital, além de reconhecer as implicações da ampliação enunciativa presente em seus comentários;
3. Refletir sobre a violência contra a mulher como temática de discussão e abordagem transversal no ensino de língua portuguesa.

Entendemos a importância da temática e da abordagem através dos pressupostos da Teoria da Referenciação e da Análise do Discurso Digital para a discussão acerca das mobilizações e estratégias discursivas construídas sobre determinado assunto, especificamente, no ambiente digital, considerando também seus aspectos de ordem tecnolinguageiras que interferem diretamente na percepção dos discursos construídos socialmente expressos nas redes sociais, neste caso, no *Instagram*.

Focamos então na execução da atividade referencial e no modo de construção dos processos referenciais com o fito de observar o desenvolvimento da produção no ambiente digital a partir dos pressupostos teóricos e das categorias referenciais. A escolha do léxico e as mobilizações linguísticas encarrega o autor do texto à responsabilidade dos discursos e sentidos interpelados na construção do seu direcionamento enunciativo/discursivo. Portanto, na seção de análise consideramos as categorias referenciais da introdução referencial (anáfora direta e indireta); retomada e recategorização de referentes; redes referenciais e as dêixis temporal e espacial.

No tocante a estrutura do trabalho, a seção 2 versa sobre os pressupostos teóricos que sustentam o nosso trabalho dividida em subseções: 2.1 A linguística textual e a Referenciação como atividade discursiva ao abordar a teoria da Referenciação; 2.2 Os pressupostos teóricos da Análise do Discurso Digital ao considerarmos as categorias de análise do ambiente digital que vêm em subtópicos: 2.2.1 A ecologia do discurso; 2.2.2 Gêneros nativos digitais; 2.2.3 Ampliação enunciativa e 2.2.4 O comentário digital.

Finalmente, como última subseção segue a 2.3 Machismo estrutural e a relação de gêneros. Já na seção 3, dispomos da natureza e procedimentos metodológicos da nossa pesquisa. Por consequência, a seção 4 indica os resultados e análises do material coletado, seguido da seção 5 com as considerações finais, e por fim, as referências bibliográficas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Linguística textual e a Referenciação como atividade discursiva

A Linguística textual, enquanto campo dedicado aos estudos do texto e do discurso, debruça-se também sobre os estudos da Teoria da referenciação, que, segundo Cavalcante (2013) e Koch e Elias (2006), constitui-se como uma atividade textual-argumentativa de (re)construção dos objetos de discurso que contribui ativamente para a produção e a compreensão dos sentidos nos textos, principalmente

no tocante à coerência/coesão textual e discursiva. Essa ideia da construção de sentidos se dá fundamentalmente pela introdução e a retomada de um mesmo referente na progressão e na plurilinearidade do texto.

A atividade escrita – bem como a da fala – pressupõe que façamos constantes referências a algo, alguém, situações *etc.,* e que, naturalmente, realizamos movimentos de manter em foco ou desfocalizar referentes para que outros sejam introduzidos no discurso. Trata-se de recorrer a estratégias que contribuem para a construção dos objetos de discurso no texto. A referenciação então, como atividade discursiva e processo que diz respeito às diversas formas de introdução de referentes no texto, faz com que, essencialmente do ponto de vista da escrita, o próprio escritor elabore sua produção a partir do material linguístico que tem à sua disposição e realize escolhas expressivas e significativas previamente relacionadas ao seu 'projeto de dizer' (Koch, 1999, 2002 apud KOCH; ELIAS, 2009, p.134).

Ao compreender o processo da referenciação como atividade discursiva, podemos dizer que o escritor, por ocasião da atividade de produção, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição e procede a escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com o seu projeto de dizer (KOCH, 1999, 2002 *apud* KOCH; ELIAS, 2006, p.124). Em outras palavras, o produtor do texto escolhe suas formas de referenciação em função do que pretende dizer ao leitor do texto.

Logo, expressa-se fundamental perceber o processo da referenciação não apenas através dos recursos linguísticos presentes na estruturação textual, mas também dos elementos externos pertinentes ao contexto sociocognitivo dos interlocutores. Cavalcante (2013) fala da referenciação como atividade de elaboração da realidade, isto implica dizer que existem olhares para um mesmo objeto do "mundo real" em que podem ser referenciados de diferentes formas a fim de atingir outros objetivos discursivos a cada interação. Portanto, no processo de construção dos referentes, o papel da linguagem é o de (re)construir versões dos eventos ocorridos e das práticas sociais experimentadas, e não de representar devotamente uma realidade "pronta" ou previamente estabelecida. Essa reelaboração da realidade se faz em uma negociação resultante da interação dos interlocutores, do compartilhamento de ideias através de uma subjetividade partilhada, seja no texto oral ou escrito (inclusive, no ambiente digital), pois independentemente da modalidade, o enunciador tende a considerar sempre as possíveis recepções de leitura de seu texto.

Nesse sentido, o aspecto cognitivo está intrinsecamente ligado ao aspecto social se considerarmos que os múltiplos conhecimentos adquiridos são originados das vivências e experiências sociais dos indivíduos e que o conhecimento social exerce no processo de construção dos referentes um importante papel, pois, este é essencialmente sociocognitivo. Para a realização da compreensão textual, inferências são construídas a partir das elaborações linguísticas efetuadas motivada e estrategicamente nos textos. À luz desses aspectos, a autora propõe uma definição global para o fenômeno da referenciação:

> O processo de referenciação pode ser entendido como o conjunto de operações dinâmicas, **sociocognitivamente motivadas**, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de **elaborar as experiências vividas e percebidas**, a partir **da construção compartilhada** dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentido(s) (CAVALCANTE, 2013, p.113).

Ao considerar as formas de introdução de referentes, Koch e Elias (2006, 2009) entendem dois tipos de processos: a ativação ‘ancorada’ e ‘não-ancorada’; a primeira se estabelece geralmente quando um novo objeto de discurso é introduzido no texto, mas com alguma correlação ou encadeamento com elementos citados anteriormente no co-texto ou presentes no contexto sociocognitivo. Até mesmo porque como Cavalcante (2013) afirma, o texto é a ponta do *iceberg*; o resto do *iceberg* é apreendido em grande parte com as inferências e o esforço cognitivo realizado para a compreensão da leitura.

Assim, a atividade referencial também torna-se cognitiva porque conseguimos, a partir das pistas cotextuais, estabelecer relações entre ideias implícitas e explícitas construídas no decorrer do texto. O segundo processo refere-se a um objeto de discurso totalmente novo adicionado ao texto, representado por uma expressão nominal, o que caracteriza uma primeira categorização lexical e discursiva do referente. Para exemplificar esses e os demais processos, faremos uma breve análise de um verso da música intitulada “Maria da Vila Matilde”, composta por Douglas Germano e interpretada pela cantora Elza Soares, no álbum “A mulher do fim do mundo”:

Cadê meu celular?
Eu vou ligar pro 180
Vou entregar teu nome
E explicar meu endereço
Aqui você não entra mais,
Eu digo que não te conheço
E jogo água fervendo se você se aventurar (Germano, 2015).

A música tem como eu lírico uma mulher que no transcorrer da letra direciona sua fala ao companheiro, explicitando suas estratégias de defesa em uma eventual tentativa de agressão por parte do cônjuge. A primeira introdução de um referente na letra é a do termo “celular”, no verso /Cadê meu celular?, caracterizada pelo processo de ativação ‘não-ancorada’ citado anteriormente, isto porque não apresenta relação ou ligação a qualquer outro elemento do texto. O que não ocorre logo em seguida: em /Eu vou ligar pro 180/. Diferentemente da anterior, a introdução referencial do número 180 (número de denúncia à Central de Atendimento à Mulher) que atende todo o território nacional, aparece nesse momento com uma ativação ‘ancorada’ na associação ao celular – elemento previamente incorporado ao cotexto – e ao contexto de ligação explicitado nos dois primeiros versos da estrofe.

À vista disso, precisamos versar sobre as anáforas diretas (doravante AD) e indiretas, estas que estão presentes no processo de construção argumentativa textual e referem-se à denominação à remissão para trás. Geralmente, relacionadas a introdução (ativação) ancorada, as anáforas indiretas constituem processos que introduzem um objeto de discurso em que não se apresentara um antecedente explícito, mas um ou mais elementos de relação que podem ser denominados como *âncora* (Schwarz, 2000 *apud* KOCH; ELIAS, 2009, p.135). Na anáfora indireta, ocorre uma estratégia de ativação de novos referentes, na maioria das vezes, por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes com carga referencial – ainda que nenhum referente corresponda a este no cotexto –, o que Marcuschi (2005) aponta como referenciação implícita. A referenciação implícita é baseada em elementos textuais ou modelos mentais, bem como em inferências ancoradas nas construções textuais.

Acerca da anáfora direta ou associativa, esta caracteriza-se como correferencial de modo que um antecedente expresso no texto, quer dizer, um referente a que se relaciona diretamente esteja presente. Embora algumas anáforas diretas não atuem correferencialmente com determinado referente, estas exercem uma recategorização lexical do mesmo, melhor dizendo, apresentam uma retomada sinonímia de um objeto de discurso previamente incorporado no texto, fazendo da AD uma espécie de “substituto” do termo retomado, como bem explica Cortez (2012). Essa relação semântica serve para a realização da progressão textual e consequentemente, do encadeamento referencial, processo abordado mais adiante.

Dando continuidade à exemplificação dos processos referenciais pela letra da música, nos dois versos seguintes /Vou entregar teu nome / E explicar meu endereço, encontramos as expressões “teu nome” e “meu endereço” que fazem parte de um

contexto não expresso na tessitura textual. É então que o aspecto sociocognitivo da atividade da referenciação entra em ação através das inferências que precisam ser realizadas pelo leitor para o alcance da compreensão do texto.

Dessa maneira, o eu lírico refere-se ao parceiro indicando suas ações durante a denúncia: informar o nome do agressor e comunicar o endereço – possivelmente, de estância doméstica – em que ocorrera a violência. Mesmo em uma notória e contínua progressão textual, os referentes em foco agora se tornam outros, construídos pelo contexto, e mobilizando outras estratégias que não as dos primeiros objetos de discurso. Assim, uma relação passa a ser estabelecida entre os referentes construídos co(n)textualmente nos versos da canção, que não encerra por aqui.

Além destes, percebe-se ainda um outro fenômeno nos versos "**Aqui** você não entra mais, /**Eu** digo que não te conheço / E **jogo** água fervendo se **você** se aventurar" que apesar de igualmente servir para introduzir e/ou retomar objetos de discurso, não se configura nem como introdução referencial e nem como anáfora, este processo é indicado como *dêixis,* segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). Neste exemplo, a primeira expressão dêitica revela a *dêixis* espacial à medida que retoma um referente já introduzido inicialmente. Os pronomes 'eu' e 'você' carregam a significação de uma *dêixis* pessoal que trata da interpretação dos enunciadores presentes no discurso enquanto o dêitico temporal 'jogo' abarca de forma sintética e explícita o marco temporal do agora.

A *dêixis* diz respeito à identificação da entidade a que ela se refere, tal reconhecimento ocorre única e exclusivamente se soubermos quem está enunciando a chamada expressão dêitica e o local ou tempo em que se encontra o enunciador. Segundo Cavalcante (2013) algumas expressões dêiticas só podem ser entendidas inteiramente se o interlocutor for capaz de identificar algumas "coordenadas" sugeridas pelo autor do texto, como quem fala, para quem, de onde e quando fala.

A devida interpretação de tais expressões se dá a partir de um direcionamento executado no espaço-tempo, que vai além do que está explicitamente presente no cotexto, o "aqui" apresentado anteriormente carrega não só o indicativo do espaço-tempo como remonta também, o referente 'meu endereço' em foco no verso anterior com uma recategorização deste. Bem como as coordenadas de pessoa "eu-você" indicam a mulher associada à entidade enunciativa do discurso remetendo ao interlocutor, nesse caso, seu parceiro. Além da *dêixis* temporal, representada pelo verbo jogar, no presente, indicando a ação através de um sufixo flexional de tempo-modo em "jogo". Sendo assim, segundo Cavalcante (2013, p.132) "Os dêiticos temporais localizam

no tempo do enunciador determinados fatos, isto é, utilizam como ponto de referência o "agora" da enunciação." Faremos agora, uso do quadro abaixo para sintetizar esses e outros tipos de dêixis tratados em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), a seguir:

Quadro 1 - Tipos de dêixis

TIPO DE DÊIXIS		
Dêixis	Pessoal	Aqueles que representam os participantes da comunicação; qualquer expressão que se refira às pessoas que participam do ato comunicativo; a identidade das pessoas do discurso é dependente da situação comunicativa; processo frequentemente representado por pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa e pronomes possessivos. Exemplo: Toda vez que eu penso / Em lhe dar / O meu amor TIM MAIA. Eu amo você. São Paulo: Universal Music, 1970. LP (4:04).
	Social	Também remete aos participantes da comunicação. No entanto, remete ao uso de expressões que refletem relacionamentos sociais e condicionam o nível de formalidade; segue as normas de conduta social; emprego de termos apropriados a cada situação + ou – informal / + ou menos íntima. Exemplo: Meu caro amigo, eu quis até telefonar / Mas a tarifa não tem graça CHICO BUARQUE. Meu caro amigo. São Paulo: Universal Music, 1976. LP (05:42).
	Espacial	Marcam a proximidade/distância do locutor em relação a um referente dado; apontam para um lugar situado com relação a quem fala. Normalmente, recorre a advérbios e locuções adverbiais de lugar. Considera como ponto de referência o lugar em que se encontra o locutor. Exemplo: Eu estava aqui o tempo todo / só você não viu PITTY. Na sua estante. São Paulo: Deckdisc, 2005. CD (3:43).
	Temporal	Marcam o tempo e tomam como referência o posicionamento de quem fala no momento da comunicação. Considera como ponto de referência o momento em que se encontra o locutor. Exemplo: 'Mor, amanhã é sábado / Não vou pro batente, amor / amanhã é sábado MARTINHO DA VILA; ROBERTA SÁ. Amanhã é sábado. São Paulo: Som Livre, 2015. DVD (3:30).
		Processo híbrido em que a função anafórica (ou de introdução referencial) se mistura com uma função dêitica: ao mesmo tempo que retoma um referente, considera o ponto de origem do locutor. Normalmente, são utilizadas expressões de tempo/espaço empregadas para situar um referente dentro de uma organização linear do texto e têm função metadiscursiva. Considera o espaço em que o texto se materializa.

	Textual	Exemplo: Como é possível perceber, o trecho de música a seguir, revela o uso de expressões que manifestam um tipo de variação linguística. De tanto levá / Frechada do teu olhar / Meu peito até / Parece sabe o quê? / Táubua de tiro ao Árvaro / Não tem mais onde furar ADONIRAN BARBOSA / ELIS REGINA. Tiro ao Álvaro. São Paulo: EMIOdeon Brasil, 1985. LP (2:45).
	De Memória	Ativa a memória discursiva do coenunciador. Tem por função dar indícios de que é necessário buscar o objeto referido em conhecimentos compartilhados entre os participantes da comunicação. Exemplo: Tem conceitos que empurram pra gente / Mas se usar a mente a gente estranha / A mulher que pega todo mundo / O que ela é? / Se engana na reflexão / Quem responde a questão logo assim de primeira / A menina que zoa o plantão / Sem dar satisfação pra ninguém / É solteira MARIANA AYDAR. Na boca do povo. São Paulo: Brisa Records Produtora, 2019. Streaming (2:28).

Fonte: Soares (2023).

Tal fenômeno torna fundamental a existência desse direcionamento por meio das coordenadas para que seja alcançada a localização e outros aspectos (pessoas, objetos, eventos) constitutivos de um contexto específico de enunciação em que haja interlocutores. Para alcançar a construção de referentes a partir dos elementos que o enunciador aponta, é então essencial que identifiquemos a posição inicial deste.

Um outro processo referencial relevante é a retomada ou manutenção no modelo textual, responsável pela continuidade do foco sob um referente já posto na tessitura textual, criando assim, as cadeias referenciais nas quais desenvolve-se a progressão referencial do texto. A retomada dos objetos pode decorrer do uso de recursos de ordem gramatical (pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos) ou de elementos lexicais (sinônimos, hiperônimos, expressões nominais e *etc.*) que configuram sobretudo as estratégias de referenciação textual.

Dando continuidade à abordagem teórica da referenciação, as categorias de sumarização/encapsulamento e rotulação realizam em si a função de sumarizar ou compactar um trecho anterior ou posterior (informações-suporte) do texto por recurso de uma forma pronominal ou nominal, qualificando assim, o *encapsulamento.*

Este, pode ser efetuado através de pronomes demonstrativos neutros *como isto, isso, aquilo, o,* ou mesmo por meio de uma expressão nominal, que neste caso, já caracteriza a *rotulação.* Para este último, existem dois tipos: o primeiro interessa a

rotulação que incide sobre fatos, eventos e circunstâncias presentes em uma parte do texto encapsulada, e o segundo em que o rótulo designa o tipo de ação ou atitude que o autor do texto confere aos sujeitos que compõem a parte encapsulada (a declaração, a reflexão, a advertência, o comentário *etc*.). Estas expressões nominais operam como formas metalinguísticas ou metadiscursivas, no uso das quais pode-se também denominar o processo como categorização metaenunciativa.

Um último conceito a ser trazido para o foco da descrição, na verdade, sua atualização, são as chamadas redes referenciais. Na literatura da referenciação, este procedimento – antes denominado cadeia referencial – refere-se à introdução e ao desenvolvimento de referentes na tessitura textual ou mesmo a 'ancoragem' para outro(s) referente(s). Diante disso, Matos (2018) sugere para a reatualização da definição e descrição do fenômeno que trata das interações entre objetos de um mesmo discurso, tal interpretação:

> Em todo texto, o locutor constrói a referência com base numa interpretação do mundo real, recategorizando a informação precedente ao acrescentar novas predicações, disponíveis, em diferentes graus, no conhecimento das pessoas, à medida que transcorre a interação (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014, p.156).

Quer dizer, as redes referenciais tratam do entrelaçamento de objetos de discursos/referentes que travam uma 'multiplicidade de relações entre si' com o auxílio da relação ativa dos interlocutores que possibilitam a manutenção, introdução ou desenvolvimento de determinados referentes com adição de caracteres de identificação e reconhecimento dentro da construção textual-discursiva. Ainda sobre o progresso dos referentes nas redes referenciais, a autora destaca que a ancoragem dos objetos de discurso evolui e é construída a partir de uma grande rede de associações, o que fundamenta a noção de redes referenciais enquanto um entrelaçamento de sentidos no qual se mantém uma diversidade de relações dos referentes uns com os outros.

A partir dos pressupostos da referência textual, buscamos direcionar os estudos não para textos impressos, mas para construções discursivas no ambiente nativo digital. Anteriormente, falamos sobre uma negociação da construção de referentes motivada pela bagagem de conhecimentos e de um contexto específico que ocorre entre participantes de uma mesma interação, consideramos então que tal negociação não se limita apenas ao texto oral e ao texto escrito, mas que ocorre em toda e qualquer modalidade de enunciação, inclusive as presentes nos ambientes virtuais, "porque, em todos os casos, há sempre "antecipações do enunciador em relação às possíveis audiências de seu texto." (CAVALCANTE, 2013, p.110).

A seguir, trataremos dos conceitos da Análise do Discurso digital e da ecologia do discurso, pertinentes ao trabalho no que concerne ao gênero *webnotícia* e o conceito de ampliação enunciativa a serem desenvolvidos durante o trabalho de análise.

2.2 Pressupostos teóricos da Análise do Discurso Digital

A Análise do Discurso Digital (doravante ADD) remete-se à descrição e análise do funcionamento das práticas linguageiras produzidas na internet, especificamente na *web* 2.0, com o desenvolvimento dos recursos linguageiros e não linguageiros constitutivos dos enunciados presentes no ambiente digital. As produções denominadas nativas digitais são caracterizadas por suas elaborações em espaços *on-line* com a utilização de ferramentas digitais, excluindo aquelas que são transpostas do pré-digital para o espaço virtual.

O campo da ADD sugere novos conceitos teóricos e procedimentos metodológicos que podem abarcar a dinâmica dos discursos nativos da internet. Paveau (2022) postula que os discursos digitais possuem características linguísticas próprias (morfográficas, lexicais, discursivas e semióticas em geral), das quais baseados em uma concepção tradicional e dualista da linguagem, os pressupostos teóricos da Análise do Discurso do pré-digital não abordam suas definições. Por conseguinte, a autora sugere uma concepção pós-dualista[3] que vislumbra um espaço em que equipara o linguageiro e o não linguageiro, ao questionar a disparidade da relação entre o linguístico e o extra-linguístico nos ambientes de produção digital.

Dessa forma, a ADD passa a ser concebida como uma ecologia do discurso por considerar na análise linguística o contínuo entre as matérias linguageiras e as ferramentas de composição do espaço digital.

2.2.1 A ecologia do discurso

A ecologia do discurso diz respeito a uma abordagem que leva em consideração o conjunto de ambiência no qual elementos linguageiros são elaborados. Paveau (2017) explica que esta perspectiva faz-se de extrema relevância para a ADD, por três razões: as formas digitais nativas dispõem de *componentes tecnológicos* que a

[3] Essa concepção trata de uma relação imbricada entre elementos humanos e não humanos e desconsidera a distinção binária entre o linguístico e o extralinguístico; neste caso, abarca o compósito tecnolinguageiro como parte essencial da construção discursiva dos gêneros nativos digitais (Paveau, 2012).

análise linguística tradicional não abarca; na produção dos discursos *on-line* se sobressai uma escrileitura que integra gestos enunciativos como clicar, rolar, e por último, os tecnodiscursos possuem uma dimensão relacional, pois, fundamentalmente, todos os enunciados são potencialmente ligados uns aos outros no ambiente digital. Em outras palavras, essas razões justificam a abordagem ecológica de modo que questiona a concepção dualista acerca das relações entre linguagem e mundo, e sugere assim, uma reflexão sobre o contexto digital a ser repensado como um ecossistema no qual se produz o discurso e não mais ocupa segundo plano na representação deste (Paveau, 2017).

Assim sendo, esta perspectiva considera os discursos digitais não só através do aspectos de domínio linguístico, social, cultural e ético, mas também como o compósito que de forma interligada abrange o linguageiro e o tecnológico de natureza informática. Este último é para a autora, um componente estrutural dos discursos, que encontra seu agente enunciativo disseminado no ecossistema digital. Ou seja, na construção discursiva do ambiente digital não atuam apenas enunciadores humanos, mas também não-humanos.

2.2.2 Gêneros nativos digitais

Paveau (2022) defende que os gêneros nativos digitais possuem uma dimensão tecnodiscursiva, ou seja, têm relação com processos de discursivização da língua nesse ambiente digital. Assim, o linguageiro (aspectos linguísticos e discursivos) está intrinsecamente ligado ao não-linguageiro, como os *hardwares* (computadores, *tablets*, telefones *etc*.) e *softwares* (aplicativos, *sites*, *blogs*, redes sociais, entre outros). Logo, compreender que essa relação é contínua e que a distribuição do agente enunciativo se dá não apenas pelas mobilizações humanas, mas também por elementos clicáveis, tecnolinguageiros e tecnopalavras faz-se de extrema importância para a abordagem proposta neste trabalho.

A autora sugere portanto, a análise dos gêneros nativos digitais, a partir de seis características do discurso digital, que possibilitam um novo estudo de discursos e textos desse ecossistema , sendo estas:

- Composição: os discursos nativos digitais são constituídos por matéria mista, linguageira e tecnológica de natureza informática. Geralmente com propriedade plurissemiótica na qual mobilizam-se texto, imagens fixas ou em movimento, som, entre outros na mesma semiose;

- Deslinearização: os discursos não seguem uma ordem linear, eles podem ser deslinearizados pelos *links* hipertextuais e direcionar o leitor para outra janela de navegação e possivelmente outro discurso;
- Ampliação enunciativa: os discursos apresentam uma enunciação ampliada justificada pela conversacionalidade do ecossistema digital, o que possibilita a adição (de comentários, especialmente) e circulações facilitadas como compartilhamentos e reblogagem, além da escrita colaborativa própria da produção coletiva com enunciação de diferentes autores;
- Relacionalidade: os discursos digitais nativos são todos inscritos numa relação com outros discursos na web, com a máquina que faz parte da coprodução dos enunciados e dos escritores e os (escri)leitores por meio da subjetividade das atividades do ler e escrever;
- Investigabilidade: os discursos digitais nativos são investigáveis, devido aos metadados que lhes constitui (inscritos no código), o que torna os textos localizáveis por ferramentas de busca e de redocumentação para possíveis menções, utilizações, repetições *etc*.;
- Imprevisibilidade: os discursos digitais nativos são parcialmente elaborados e/ou moldados por programas e algoritmos, o que os torna imprevisíveis em sua forma e conteúdo para enunciadores humanos, o técnico exerce papel estrutural nessa atividade informática.

Posto isso, considerando a rede social *Instagram,* a partir das características do ambiente digital propostas, pretendemos debruçar os estudos acerca da ampliação enunciativa, a partir dos comentários presentes nas publicações que compõem o *corpus* analisado, contribuindo assim para o estudo dos processos referenciais realizados nas manchetes e legendas das *webnotícias,* dos perfis jornalísticos, a partir das reflexões sobre a violência de gênero.

2.2.3 A Ampliação enunciativa

A definição de ampliação enunciativa se constitui a partir do pressuposto de que o texto nativo digital não se inscreve apenas por autoria de quem o produz, mas principalmente pela participação ativa de um *escrileitor*[4] presente naquele contexto de

[4] O termo advém da noção de escrileitura que consiste na integração das atividades de leitura e escrita no ambiente digital, possibilitando ao leitor atuar como coator das produções de qualquer autor/produtor primeiro, culminando diretamente na construção e consequentemente, na expansão discursiva resultante da interação de ambos no hipertexto ou gênero nativo digital (Paveau, 2017).

leitura e escrita digital. A característica comum em hipertextos é da ordem da enunciação, pois esta é plurienunciativa; assim, muitas vezes apresentam-se argumentações que diferem da enunciação primeira e trazem por consequência, um outro discurso presente naquele hipertexto que circula em determinada rede. A ampliação enunciativa não se dá apenas no enunciado, mas também na expansão da atividade de leitura nos casos em que os comentários (enunciados segundos) incorporam-se na realização discursiva dos textos digitais. Ou mesmo nas produções que acontecem de forma simultânea no espaço digital, possibilitando escritores coexistentes em um texto.

Além disso, a disposição das ferramentas no ecossistema digital permite o alongamento da escrita por adições (de comentários, principalmente) e por compartilhamentos e reblogagens consideradas circulações facilitadas (Paveau, 2022). Consequentemente, isto torna também a atividade de leitura ampliada, uma vez que, através dos comentários, considerados enunciados segundos, a compreensão do discurso não se realiza apenas pela enunciação primeira, mas atrelada a essas outras que podem por vezes apresentar ampliações temáticas ou metadiscursivas sobre o tópico inicial.

2.2.4 O comentário digital

Para além desses conceitos, o comentário online, considerado um gênero renovado pela web, configura uma das diversas formas de tecnodiscurso presentes no ecossistema digital, como em blogs, redes sociais, sites de imprensa, sites comerciais, *etc*. Entende-se por comentário on-line, textos produzidos pelos usuários da web em diferentes espaços de escrita, próprios do ambiente digital (Paveau, 2022). Para tanto, precisamos fundamentar aqui, algumas das definições de comentários tratadas pela autora.

Inicialmente, os trabalhos que debruçaram estudos sobre os aspectos e funcionamento dos comentários on-line, não englobavam em suas análises a dimensão digital e os aspectos de natureza informática na realização dos discursos e construção dos enunciados destes.

No entanto, a análise do discurso digital, concebe os enunciados on-line como compósitos tecnolinguageiros que abarcam a dimensão tecnológica como parte diretamente conectada aos elementos de dimensão linguageira na forma e performance

do comentário on-line. Este, é estabelecido como um tecnodiscurso segundo e dispõe de algumas características:

- Enunciação pseudonímica:

Diz respeito a identificação mínima no endereço IP e máxima como a identidade oficial do usuário, como uma ‘assinatura’ na qual identifica-se o internauta através dos comentários enunciados. Para além dessas identificações, há o pseudônimo, uma regra online, escolhida pelo próprio usuário, que o identifica nas construções de enunciados por comentários.

- Relacionalidade

Mais uma característica que compõe esse tecnodiscurso, esta se constitui através das possibilidades conversacionais e/ou relacionais. Neste caso, os metadados interferem ao explicitar a natureza do comentário de forma variada, a depender do espaço de escrita de cada site ou rede social. O botão “responder" caracteriza, portanto, o gerenciamento dos diálogos entre os comentadores. Os metadados informam a ligação entre o texto primeiro, o comentário anterior ou texto publicado comentado.

- Conversacionalidade e recursividade

Estas remetem à continuidade das conversas, assim, as janelas de comentários (especificamente tecnodiscursivas) e seus metadados são considerados elementos que marcam o início e o término de uma troca de comentários, sabemos então, que se esses comentários não são fechados, haverá uma continuidade na conversa.

- Ampliação enunciativa e discursiva

Este traço é o principal meio pelo qual daremos enfoque ao trabalho de análise dos comentários: observar o comentário enquanto produção a partir de um post de rede social, constituindo uma ampliação enunciativa e consequentemente, do discurso. No chamado plano de enunciação editorial, o comentário se encontra no mesmo espaço do texto inicial, porém, alguns sistemas, plataformas e redes como o

Instagram, requerem um clique para exibi-los em outra página. Já no plano do fio discursivo abordado pela autora, os comentários assumem o papel de prolongamento dos textos, não necessariamente em consonância discursiva, acarretando até a intervenção do autor primeiro.

Segundo Paveau (2022, p. 106), “os comentários, textos segundos, são coextensivos ao texto primeiro, e o conjunto forma um todo discursivo único ampliado”. Melhor dizendo, apesar do texto inicial ser publicado como um projeto pronto do autor, a possibilidade de aparecem eventuais comentários, torna a continuidade do discurso completamente possível e realizável, tendo em vista que o encerramento só se configura com o fim dos comentários no post ou quaisquer que seja o espaço de escritura digital.

A ampliação é do mesmo modo, quantificada em números, o que permite observar o prolongamento do discurso através dos comentários contados, e não só isso, mas no caso das redes sociais, perceber também o engajamento e receptividade dos usuários em determinado assunto enunciado.

- Publicidade e visibilidade

Essa característica considera as condições de público e visível dos comentários no ambiente digital como um todo, em diferentes espaços o gênero apresenta operações distintas, especificamente nas redes sociais, esses estados alteram conforme as configurações da conta são estabelecidas pelo próprio usuário.

De maneira sucinta, o status público interessa ao técnico e jurídico, já o visível as ferramentas de visualização do tecnodiscurso a partir das construções discursivas realizadas pelos indivíduos no ecossistema digital.

Fundamentada na definição do comentário digital, a tipologia dos comentários digitais é trazida pela autora, ao pensar nas propriedades explicitadas anteriormente a fim de dividi-los em quatro grandes grupos: comentário relacional, comentário conversacional, deslocado e por último o comentário-compartilhamento ou pseudo-comentário. Diante dessas categorias, discorreremos brevemente sobre o comentário conversacional no tocante ao comentário discursivo, visando o recorte estabelecido previamente no *corpus* analisado.

A categoria do comentário conversacional leva em conta o conteúdo proposto/elaborado no comentário e distingue-o em discursivo e metadiscursivo. O comentário discursivo – categoria de recorte do nosso trabalho –, diz respeito à ampliação do conteúdo do texto ou post primeiro valendo-se das ferramentas múltiplas

das distintas plataformas para elaborar e desenvolver a polêmica ou consenso, concordar ou não com os discursos, além de sugerir prolongamentos. Esta categoria, como bem afirma Paveau (2022), produz representações discursivas, argumentativas e pragmáticas que não diferem muito da atividade discursiva e enunciativa off-line.

Apoiados na observação da construção de referentes e da ampliação enunciativa pelos comentários das *webnotícias* que constituem o *corpus* de análise, pretendemos também observar a presença (ou não) do machismo estrutural, possivelmente, uma das bases da violência contra a mulher na sociedade brasileira.

2.3 Machismo estrutural e a relação de gêneros

No livro Desnaturalização do machismo estrutural na sociedade brasileira" (2021), Helio Hintze organiza estudos de diversos pesquisadores e pesquisadoras que tratam do machismo estrutural e das suas implicações na sociedade, a partir de reflexões críticas. Hintze aborda, no primeiro capítulo, o assunto bem como suas raízes estruturais através de uma perspectiva de reconhecimento do estado 'natural' dos costumes, da herança cultural e valores morais machistas no país. Para tal propósito, o autor caracteriza o machismo estrutural como uma construção social que dá sustentação à dominação essencialmente masculina, branca e heterossexual, em detrimento da condição feminina e das sexualidades não heteronormativas. Buscamos então, neste trabalho, discorrer sobre este paradigma[5] e entender como esse elemento atua diretamente no funcionamento da violência contra a mulher, que surge justamente através dessa relação de dominação em sociedade.

Helio Hintze é psicanalista, filósofo e pesquisador transdisciplinar e retrata o tema como prática discursiva, à medida que compreende as práticas sociais reveladoras de resquícios machistas nas experiências e discursos de todos indivíduos em sociedade. Ademais, reconhece as incontáveis camadas que entornam a prática do machismo resultante de toda e qualquer forma de preconceito e discriminação do que apresenta-se diferente do 'masculino'. Embora os estudos revelem extrema relevância social, não queremos aqui, destrinchar de forma detalhada toda a obra, mas trazer à tona tensões e discussões específicas e pertinentes ao trabalho de estudo e análise.

Nesse sentido, os estudos da obra concentram-se, a partir da leitura sociológica da biologia que equipara o "masculino" à virtude moral como ponto inicial da organização do machismo estrutural. Assim, tudo que não represente minimamente o

[5] Definição apresentada por Hintze (2021).

par viril-virtude (masculino), aproxima-se do feminino como significado da ausência do masculino e consequentemente representação inferior a este. Ainda com uma crítica a esta ideia, o psicanalista explica que não há nenhum aspecto social ou mesmo biológico que estabeleça uma hierarquização ou valoração moral do “masculino” sobre o “feminino”.

O machismo assume, portanto, uma perspectiva binária e dicotômica que nega qualquer expressão de gênero que não atenda a essa classificação – previamente – estabelecida, considera-as aberrações e muitas vezes as invisibiliza. Os conceitos e as designações de comportamento para “homem” e “mulher” foram e permanecem sendo construídos histórica e socialmente, a partir dos discursos e das práticas que revelam significados, desde palavras no dicionário até uma conversa informal com amigos. Isto porque os mecanismos de significação presentes na linguagem desenvolvem-se também a partir do poder, quer dizer, grande relevância e importância há nos significados impostos pelos dicionários das línguas. No entanto, estes também precisam ser questionados quando determinados sentidos são atribuídos e reverberam discursos e práticas estruturalmente machistas e preconceituosas.

> O discurso é modelado pelo mundo e igualmente modela-o. Nesse sentido, não é nosso objetivo aqui dizer que é o dicionário que cria a realidade daquilo que descreve, por exemplo, as palavras que dizem respeito a “homens” e “mulheres”, mas que ele funciona como depositário dos significados estabelecidos por nossa sociedade. (Hintze, 2021, p. 17.)

Assim, segundo Hintze (2021, p.42) “é machista todo entendimento que considere o ‘masculino’ como naturalmente superior ao ‘feminino’”, quer dizer, não é natural, mas naturalizado o movimento de hierarquizar essas construções sociais. Por isso, a estrutura machista incorpora uma incontestabilidade a seu discurso, que evidentemente advém de construções humanas e circula por diversos espaços do âmbito social, de forma naturalizada, o que viabiliza os aspectos da transformação social de construções sociais e históricas na sociedade.

Alguns traços principais caracterizam o machismo estrutural na cultura patriarcal como masculino; branco; heteronormativo; adulto e monoteísta. Esses atributos atendem a perspectiva de análise do livro que compreende o paradigma como uma estrutura ‘produtora de normalização’ que atua diretamente por meio de instituições, tal qual a família, a escola e a igreja, que incorporam na sociedade comportamentos e valores morais estruturados hierarquicamente: masculino superior ao feminino (a mulher inferior ao homem) e os demais gêneros invisíveis em uma dicotomia

de dominantes (masculino) e dominados (feminino) e toda extensão que fuja dos padrões da heteronormatividade.

Dessa maneira, o Machismo Estrutural configura-se a partir da construção histórica de visões e comportamentos morais pensados e previamente impostos para homens e mulheres e aparecem portanto, intrínsecos a diversos aspectos sociais e subjetivos das relações, principalmente no que diz respeito a piadas, comentários e concepções machistas 'naturalizadas' nos diversos grupos sociais. Diante disso, compreendemos "masculino" e "feminino" como construções sociais de ideias e que por isso, de algum modo, necessitem uma revisão/questionamento de suas atribuições admitidas há tantos séculos atrás.

A estruturação do paradigma do Machismo Estrutural, revela-se basicamente através da normalização, hierarquização e naturalização de seus valores, cada um desses três processos revelam nuances, movimentos, condutas e procederes próprios que atuam diretamente na construção e manutenção do machismo na sociedade brasileira. Como bem explica,

> A **normalização** do machismo (ou seja, a construção histórica da moral atual, que nada mais é que uma moral machista) é intrinsecamente estruturada a partir da **hierarquização** dos valores "masculinos" (tidos como superiores) sobre os valores "femininos" (tidos como inferiores). Essa hierarquização é estruturante da normalização – portanto, ao tratarmos da normalização, tratamos de uma **normalização hierarquizada**. (Hintze, 2021, p. 34.)

A ideia do aspecto biológico definir a relação de dominação e de poder do "masculino" sobre o "feminino" não apenas hierarquiza, como também naturaliza seus dados, o que acarreta um apagamento das desigualdades sociais entre "homem superior" e "mulher inferior", pois é por meio da biologização que considera a mulher inferior ao homem – principalmente em aspectos racionais, sociais e profissionais – que passam a considerar as desigualdades sociais como 'consequências naturais das diferenças físico-morais' (Hintze, 2021).

Entendemos que a estrutura machista da sociedade reforça incansavelmente a condição do "macho" como central e as demais – para além da existência feminina, identidades de gênero e sexuais (quando legitimadas) como subalternas por esquemas de estruturação mental e de máquinas de produção de subjetividade. É então, que a luta hegemônica de poder entre homens e mulheres acaba por omitir e calar outras lutas, justamente por haver um senso comum no qual geralmente subentende–se "homem" e "mulher" como homem e mulher brancos e heterossexuais; camuflando assim, lutas como da comunidade LGBTQIA+ e o feminismo negro versado por Ribeiro (2019). Logo,

o paradigma do machismo se revela em alguns aspectos enquanto toda forma de preconceito que cerca a sociedade.

À vista disso, consideramos a pertinência de tratar brevemente e de forma relacionada os conceitos de gênero, feminismos e interseccionalidade para assentar nossa análise em referenciais teóricos sociais de relevância para o debate.

O conceito de gênero surge inicialmente no movimento feminista americano como representação de concepções e constituições fundamentalmente sociais acerca das distinções dos sexos biológicos. Ao propor uma reflexão e não aceitação de termos como “diferença sexual”, as teóricas feministas buscavam principalmente uma problematização e releitura histórica dos fatos que desenvolveram-se a partir das relações de gênero, além de considerar o aspecto relacional de designações normativas das feminilidades – e outras expressões de identidade de gênero. Algumas teorias apresentaram designações sob analogias com a oposição masculino/feminino, ou a formação da identidade sexual subjetiva e até mesmo de reconhecimento da “questão feminina”, o que indica certa dificuldade dos(as) teóricos(as) de perspectiva feminista em adentrarem espaços de construções teóricas e incorporarem o conceito de gênero em abordagens e discussões pré-existentes.

Em meio a tantas diversas e flutuantes definições, segundo a historiadora norte-americana Scott (1995), o gênero torna-se uma maneira de nomear as “construções sociais”, quer dizer, a instituição social das ideias sobre os papéis fixados em homens e mulheres como forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidade subjetivas dos sujeitos. Em outros termos, o conceito de gênero caracteriza-se como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Consequentemente, com a multiplicação dos estudos em torno do sexo e da sexualidade, o gênero passou a ser utilizado em grande escala pela maneira de distinguir a prática sexual dos papéis atribuido aos homens e mulheres. Ademais, o termo revela as tentativas das feministas contemporâneas de reivindicação da reflexão do caráter inadequado das teorias existentes na – tentativa de – explicação das desigualdades perduráveis entre homens e mulheres.

Scott afirma ainda que apesar dos pesquisadores admitirem as relações entre o sexo e os “papéis sexuais”, estes não assumem entre ambos uma relação simples ou direta. Portanto, o uso do “gênero” enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é determinado pelo mesmo e não determina de forma direta a sexualidade, além de ser considerado pela autora um elemento constituinte das relações

sociais com base nas diferenças notadas entre os sexos e vê-lo como uma forma primeira de significar as relações de poder.

Nesse ponto de vista, Djamila Ribeiro (2019) disserta sobre o lugar de fala em uma das obras, na coordenação da Coleção “Feminismos Plurais”, que possui o intuito de tornar público o conhecimento acerca dos diversos feminismos com linguagem didática e acessível. A hipótese da autora é que a partir da noção de *standpoint*, possamos reconhecer a definição de lugar de fala; assim, a marcação da individualidade em contextos específicos torna-se essencial para compreendermos as diversas realidades que foram consideradas ocultas dentro da normatização hegemônica.

Dessa forma, o objetivo da diversidade de experiências traz como consequência o rompimento com uma perspectiva universal, única. O locus social de vivência de uma mulher preta se constitui de modo distinto de uma mulher branca, segundo Ribeiro (2019), o gênero é experienciado de diferentes formas pela junção de aspectos que ultrapassam a identidade de gênero na sociedade. Assim, acerca da compreensão de lugar de fala, a escritora afirma:

> Nesse sentido, seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação das identidades, sejam elas de raça, de gênero ou de classe, para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica. (Ribeiro, 2019).

Ainda presente na Coleção, o conceito de interseccionalidade, concebido inicialmente pela pensadora negra estadunidense Kimberlé Crenshaw e apresentado pela professora Akotirene (2018), denuncia como a tradição feminista negra enxerga a sistematização e estruturação das violências do racismo e do sexismo que as mulheres negras enfrentam há séculos. A autora versa sobre a instrumentalização dos movimentos antirracistas, feministas e judiciais para lidarem com as pautas das mulheres negras, tomando o conceito como uma lente analítica sobre as relações de dominação e poder estabelecidas socialmente de modo estrutural a considerar, principalmente, atributos de classe, gênero e raça. Neste caso, os dois últimos como severamente discriminatórios às mulheres pretas em sociedade.

Quando falamos de expressões identitárias que fogem à estrutura patriarcal e a heteronormatividade e não caracterizam-se dentro da dicotomia biológica patriarcal imposta e nem seus aspectos de classe-raça-gênero, falamos principalmente da realidade escusa e disfarçada de grupos minoritários e marginalizados da sociedade.

No recorte do gênero feminino, as mulheres transexuais e travestis caracterizam uma parte do grupo identitário que tende a fazer parte dos movimentos feministas (transfeminismo) perante vivências permeadas de desigualdade e discriminação social. Em 99% dos casos, sem apoio emocional ou psicológico, recursos financeiros escassos e sobretudo sem assistência de políticas públicas e respaldo judicial nas inúmeras violências sofridas.

Apesar da marginalização social experienciada estritamente por mulheres trans e travestis, as ocorrências policiais recusam a violência de gênero ao passo que registram (apenas) potenciais casos de transfobia. Logo, é imprescindível pensar nas violências próprias que cercam essa categoria:

> Embora a transfobia alcance as pessoas trans de diversas formas, mesmo dentro de um grupo tão vulnerável quanto a população trans, são as travestis e mulheres trans a parcela da comunidade trans que necessita maior atenção para a proposição de ações de proteção e acesso a direitos básicos. Tem sido elas as que se encontram em sua imensa maioria em situação de maior precarização de suas vidas (Benevides, 2023, p.40).

De forma resumida, os dados do Dossiê ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) evidenciam que uma pessoa transfeminina (mulher trans ou travesti) tem até 38 vezes mais chances de ser assassinada que uma pessoa transmasculina ou não binária, o que nos traz o indicativo de que a identidade de gênero feminina e os estigmas em torno dessas pessoas a tornam suscetíveis a mais a esses fatores de alto risco, essencialmente à violência de gênero[6].

Por conseguinte, compreendemos a noção de violência de gênero de forma abrangente, a qual engloba diferentes grupos e denominações de violência em razão do gênero. Por isso, julgamos necessário indicar o recorte feito para o trabalho de discussão e análise proposto, sem omitir ou preterir a comunidade de mulheres transexuais e travestis, também vítimas das violências sistêmicas, como a que abordamos aqui, através da representação em diagrama, que segue abaixo:

[6] Consideramos neste trabalho, a noção de violência de gênero enquanto qualquer tipo de agressão física, psicológica, sexual ou simbólica contra alguém em situação de vulnerabilidade devido a sua identidade de gênero ou orientação sexual.

Diagrama 1: Recorte da violência de gênero

Fonte: Elaborado pela autora com base na noção de violência de gênero (2023).

Por conta da grande maioria dos números de ocorrências policiais – em termos judiciais – e dos dados da violência transfóbica contra mulheres transgêneras não caracterizarem esta como equivalente a violência contra a mulher, além também da ratificação do campo jornalístico/midiático desse quadro, reconhecemos a necessidade de realizar um micro-recorte de grupo para atender de maneira fidedigna e coerente as análises das *webnotícias* presentes na seção de Análise dos dados mais adiante.

Segundo Jesus e Alves (2012, p. 14), “O feminismo transgênero pode ser compreendido tanto como uma filosofia quanto como uma práxis acerca das identidades transgêneras que visa a transformação dos feminismos.”, assim, ao abordarem o transfeminismo falam sobre a relação entre teoria e prática dos movimentos feministas e da até então exclusão dos direitos à luta das mulheres transexuais e travestis, não reconhecidos inclusive, pela comunidade LGBTQIA+ até dado momento.

Acerca disso, Nascimento (2021) reitera o compromisso das mulheres cis e transgêneras – levando igualmente em conta o aspecto da intersecionalidade – de fazerem uso das diferenças como estratégias para produzir epistemologias feministas no direcionamento da problematização das diversas realidades sociais femininas, valendo-se assim, das dissonâncias como possibilidades enriquecedoras de conhecer e compreender contextos múltiplos de opressão que se encontram cotidianamente.

Findamos aqui, o alicerce teórico que fundamenta e ampara nosso trabalho, adiante, seguirá a seção que concede os passos metodológicos da pesquisa que considerou os

conceitos-categorias tratados para as análises, através das etapas e especificidades expostas a seguir.

3 METODOLOGIA

O trabalho de pesquisa possui um caráter descritivista-interpretativista de abordagem qualitativa, consideramos o gênero *webnotícia* alinhado à discussão temática que trata da violência contra a mulher como enfoque de uma análise de construção referencial nas legendas e de ampliação enunciativa dos comentários das publicações. Por isso,. Segundo Gil (2008, p. 28) as pesquisas do tipo descritivo têm como objetivo principal a descrição das características de determinado grupo ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Quer dizer, o estudo descritivo pretende descrever e observar os fatos e fenômenos de determinada realidade ou população com fins de registro, análise e classificação. Acerca da pesquisa descritiva e dos estudos exploratórios, temos:

> Os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema. O pesquisador parte de uma hipótese e aprofunda seu estudo nos limites de uma realidade específica, buscando antecedentes, maior conhecimento para, em seguida, planejar uma pesquisa descritiva ou de um tipo experimental. (Triviños, 1987, p.109).

Nesse sentido, os dados coletados objetivam a análise de *webnotícias* que tratem exclusivamente de todo e qualquer tipo de violência contra a mulher e, a partir desse recorte, a observação das construções dos processos linguístico-discursivos referenciais de introdução referencial (anáfora direta e indireta); retomada e recategorização de referentes; redes referenciais e as dêixis temporal e espacial nos textos das legendas das *webnotícias*. Além da análise da ampliação enunciativa do texto primeiro, pelos usuários da rede social *Instagram,* por meio de seus gestos enunciativos de curtir, comentar, compartilhar e outros contribuindo assim, para o estudo do tema e das questões que o englobam tanto no ambiente digital e na sociedade quanto na comunidade escolar.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Também com relação ao caráter interpretativista da pesquisa, compreendemos em Prolo, Lima e Silva (2018, p. 32) que:

> O enfoque principal do interpretacionismo reside em desenvolver uma teoria para a explicação social da realidade, considerando o ponto de vista dos atores humanos. Não tem como foco a realidade objetiva do mundo social, mas sim evidenciar o significado subjetivo, a busca de respostas aos acontecimentos sociais que podem revelar as estruturas sociais relevantes para o engajamento da mudança social (BURRELL; MORGAN, 1979; TOMAZETTE, 2008).

Propomos tal estudo para observar e analisar a possível presença do machismo estrutural nos discursos (re)produzidos e as implicações suscitadas nas *webnotícias* e nos comentários relacionados a estas na rede social trabalhada, em relação à violência contra a mulher.

O recorte cronológico das *webnotícias* pertencentes ao *corpus* foi motivado em razão da divulgação da pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), na qual se indica a vitimização de mulheres no Brasil ocorrida no decorrer dos 12 meses do ano de 2022. A ideia é relacionar os índices da pesquisa às publicações feitas por perfis jornalísticos do *Instagram*. Consideramos dois perfis jornalísticos (@diariodepernambuco e @G1) ao levar em conta a fonte e linguagem jornalística – o que contribui para constatar a veracidade das *webnotícias* divulgadas –, além dos grandes alcance e visibilidade dos conteúdos desses perfis pelos usuários da rede social, não apenas em Pernambuco, mas em outros estados brasileiros.

A propósito, a seleção do *corpus* foi realizada em forma de captura de tela (*PrintScreen*), com o dispositivo tecnológico *notebook*. Isto porque, ao considerar a interface da mídia social digital e análise da *webnotícia* como um todo, incluindo legendas e comentários, descobrimos que a forma de disposição dos elementos tecnolinguageiros, na página da *web*, contribuem expressivamente para a visualização ampla da tela e consequentemente na realização da análise, levando em conta não só os elementos linguísticos, mas principalmente o compósito que inclui também elementos discursivos e técnicos constitutivos do ecossistema digital (Paveau, 2022).

Dessa maneira, primeiramente foi construído um *corpus* expandido com uma média de 15 publicações da rede social em questão para fins de exploração da temática e dos processos a serem observados e logo em seguida, a seleção para o *corpus* restrito que serviu de base para a execução da análise.

Com relação à análise, objetivamos o cruzamento dos conceitos-categorias da LT, especificamente da Teoria da Referenciação. Inicialmente, tomando o processo de referenciação como atividade discursiva que contribui para o estabelecimento da coesão textual e a construção da coerência em textos (KOCH; ELIAS, 2009). Em seguida, ao considerar os conceitos de anáfora indireta e redes referenciais, concebemos o

processo de introdução de novos referentes em um texto e de retomada de objetos do discurso ou de elementos estritamente ligados a ele (KOCH; ELIAS, 2009), respectivamente, nessa ordem. Além de que, os conceitos da LT foram associados ao conceito de ampliação enunciativa (Paveau, 2022) da Análise do Discurso Digital, pois julgamos tais conceitos-categorias pertinentes para proceder à análise do *corpus* digital.

Isto posto, ao considerar o cruzamento de conceitos-categorias das duas vertentes teórico-metodológicas assumidas, o conjunto do material investigado mobiliza um *corpus* selecionado através de uma sintaxe de busca de *webnotícias* de *Instagram* das páginas dos perfis jornalísticos @diariodepernambuco (Diário de Pernambuco) e @portalg1 (Portal de notícias da Globo) que noticiam diferentes tipos de violência contra a mulher.

A nível de esclarecimento, uma sintaxe de busca consiste em um conjunto de termos de busca – sob a forma de palavras, expressões, *hashtags*, fraseologias *etc*. –, combinados com operadores lógicos ou operadores booleanos (WINTER, 2002), que convém à seleção de informações em um banco de dados particular (RUEDIGER, 2017). Duas sintaxes de busca foram desenvolvidas/executadas em uma ferramenta de monitoramento de redes sociais, *CrowdTangle* (Meta, Inc.), assumindo como parâmetros de coleta postagens feitas em língua portuguesa, no *Instagram.*

No processo metodológico, a busca se desenvolveu em algumas etapas, com vistas à composição do *corpus* expandido. Para coleta de dados foram realizadas: (i) a elaboração de sintaxes[7] de busca; (ii) a seleção do período de tempo da coleta de dados; e (iii) a coleta dos dados relacionados a violência contra mulheres. A etapa de coleta de dados foi cumprida, em um primeiro momento, pela elaboração de uma sintaxe de busca que pudesse abarcar as extensões tanto das questões formais da linguagem quanto semântico-discursivas do tema em questão. A referida sintaxe abarca especificamente, eventos que envolvem feminicídio e todo o contexto implícito de violência contra a mulher, como menciona a lei Maria da Penha (2006). O Quadro 2 apresenta o conjunto dessa sintaxe.

Quadro 2 - Sintaxe de busca I

```
((violência OR agressão) AND (mulher OR mulheres OR feminino OR feminina OR
feminista OR feministas OR feminismo OR gênero)) OR ((lei OR leis OR proposicão
OR proposição OR legislação) AND (penha OR "11.340/06" OR "11.340")) OR
feminicídio OR #feminicidio OR misoginia OR machismo OR sexismo OR sororidade OR
"justiça de gênero" OR #pelavidadasmulheres OR #eunãomereçoserestuprada OR
#mulherescomdireito OR #mulhereseseusdireitos OR #machismo OR #machistas OR
```

[7] Por se tratar de dois conjuntos de busca relativamente diferentes, nomearemos as sintaxes de ‘sintaxe I' e ‘sintaxe II’ a nível de exemplificação mais assertiva no decorrer da seção.

```
#machistasnãopassarão OR #mexeucomumamexeucomtodas OR  #respeitaasminas OR
#respeitaasmina OR #feminismo OR #feminista OR #assédioécrime OR #mariadapenha OR
#leimariadapenha OR #violenciacontraamulher OR #violenciacontramulher OR
#violenciacontraasmulheres  OR #governoquerespeitatodasasmulheres OR
#respeitoprasmulheres OR #alertadefeminicidioHG
```

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Apesar da sintaxe I revelar 66 publicações incluídas nos termos de pesquisa, muitas das *webnotícias* encontradas não atendiam ao quesito de noticiarem mulheres violentadas; desta sintaxe, apenas 5 foram pré-selecionadas para a construção do *corpus* expandido.

Por esse motivo, durante a coleta dos dados, percebemos a necessidade de elaborar uma segunda sintaxe de busca, dessa vez, a procurar uma diversidade maior de notícias que tratam de diferentes tipos de violência contra a mulher em um maior período de tempo ou recorte cronológico. Esse segundo momento de elaboração de sintaxe foi necessário para reavermos as condições de investigação dos períodos e dos resultados encontrados. O quadro 3 apresenta a referida sintaxe.

Quadro 3 - Sintaxe de busca II

```
feminicídio OR "mulher agredida" OR "mulher violentada" OR "delegacia da
mulher" ((violência OR agressão OR "parceiro íntimo" OR espancamento OR
ameaça OR perseguição OR insulto OR xingamento OR denúncia) AND (mulher OR
mulheres OR feminino OR feminina OR feminista OR feministas OR feminismo)) OR
((lei OR leis OR proposicão OR proposição OR legislação) AND (penha OR
"11.340/06" OR "11.340")) OR #feminicidio OR misoginia OR machismo OR sexismo
OR sororidade OR "justiça de gênero" OR #pelavidadasmulheres OR
#eunãomereçoserestuprada OR #mulherescomdireito OR #mulhereseseusdireitos OR
#machismo OR #machistas OR #machistasnãopassarão OR #mexeucomumamexeucomtodas
OR  #respeitaasminas OR #respeitaasmina OR #feminismo OR #feminista OR
#assédioécrime OR #mariadapenha OR #leimariadapenha OR
#violenciacontraamulher OR #violenciacontramulher OR
#violenciacontraasmulheres OR #respeitoprasmulheres OR #alertadefeminicidio
```

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Sendo assim, com a realização da segunda busca, a sintaxe II, apesar de apresentar um número menor de 57 postagens sobre a temática em investigação, revelou outras publicações pertinentes ao trabalho de análise da pesquisa. Desse modo, destas 57, apenas 10 publicações foram selecionadas para a formação do *corpus* expandido junto às 5 da sintaxe anterior, totalizando assim, 15 publicações.

O ponto que diferencia uma sintaxe da outra, é o período de busca: enquanto a sintaxe I concentrou-se em um recorte de período curto de 1 novembro de 2022 a 28 de fevereiro de 2023, a sintaxe II considerou os dias entre 01 de julho de 2022 a 28 de fevereiro de 2023.

Além disso, também foi aplicado um filtro de coleta para postagens com maior número de interações. A plataforma entende como interação as formas múltiplas de relação nas redes sociais, com um breve comparativo a exemplificar essas interações, temos o *Facebook* que além de possuir as opções padrão de compartilhamento e comentário, considera as reações (curtir, amei, raiva, triste *etc*.) diferentemente do *Instagram* (IG) que reconhece apenas as curtidas, sendo estas, o equivalente às reações da rede social anterior.

Nas interações reconhecidas pela ferramenta na busca das *webnotícias* do IG estão incluídas as curtidas, também conhecidas como *likes,* compartilhamentos e comentário, sendo esses, aspectos constitutivamente próprios do ambiente digital que contribuem diretamente no trabalho de análise da ampliação discursiva e enunciativa dos assuntos que circulam nas redes, neste caso, a violência contra a mulher.

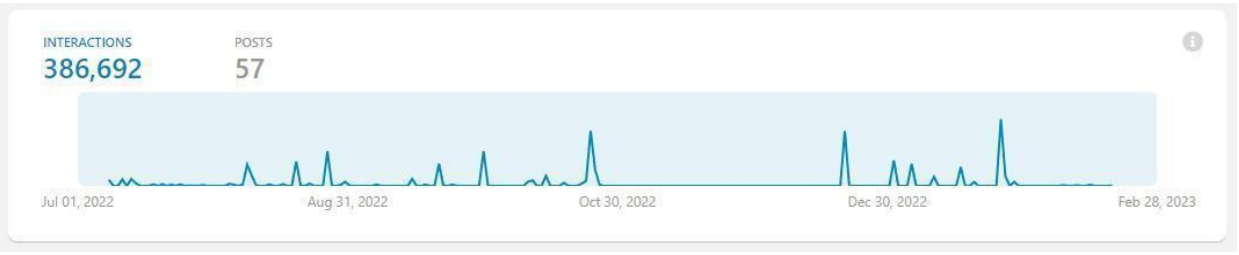
A partir desses parâmetros, é importante salientar que as primeiras postagens encontradas apresentaram um total de 538.188 interações; vejamos a seguir a evolução do debate em torno das postagens através da linha de evolução do debate no tempo.

Figura 1: Linha de evolução sintaxe I

Fonte: *CrowdTangle* (Meta, Inc.) (2023).

No período de novembro a fevereiro, o debate apresentou um pico de discussão sobre a violência contra a mulher, logo no mês de novembro, reaparecendo durante o restante do período de tempo, alguns eventuais acréscimos. Diferentemente da linha de evolução da sintaxe II que indica abaixo múltiplos picos de discussão no decorrer dos seis meses.

Figura 2: Linha de evolução sintaxe I



Fonte: *CrowdTangle* (Meta, Inc.) (2023).

Nesta pesquisa, também foram recuperados dados de 386.692 interações, como indicado na figura 2 acima. O filtro de interação se faz de extrema relevância para percebermos como os aspectos de ordem tecnolinguageira se comportam na dinâmica dos segmentos clicáveis condizentes com as ações dos usuários nas *webnotícias*. Isto contabiliza o número de curtidas e compartilhamentos bem como a quantidade de comentários realizados na publicação.

Por conseguinte, a análise do *corpus* restrito concentrou-se em duas[8] *webnotícias* – resultantes de maiores interações no *Instagram*, cada uma de um perfil jornalístico específico, do Diário de Pernambuco e do Portal G1, respectivamente. Durante o processo, as publicações que compõem a seção de análise dos dados foram selecionadas por atenderem satisfatoriamente aos critérios de a) cumprimento dos processos referenciais citados anteriormente e b) ampliação enunciativa operada através dos comentários. Considerando a discussão sobre estes, fizemos um recorte de 3 comentários em cada uma das *webnotícias* que além de ampliar o conteúdo presente no texto primeiro, revelam outros aspectos como o machismo estrutural em seus discursos, somamos assim, um total de 6 comentários analisados de forma conjunta às publicações. Agora, apresentamos a análise do *corpus* selecionado na seção a seguir.

4 ANÁLISE DOS DADOS

No que diz respeito à análise, consideramos aqui a descrição analítica de duas *webnotícias* que atendem aos critérios previstos na realização da pesquisa. Portanto, buscamos, a partir das publicações selecionadas, investigar os processos referenciais identificados como a introdução referencial, anáfora direta e indireta, retomada, recategorização referencial e por fim, a dêixis presentes no corpo do texto das legendas que acompanham as *webnotícias*. Além também de observar e perceber como se constitui a ampliação enunciativa abordada por Paveau (2022) nos comentários que seguem a publicação noticiosa. Por fim, procuramos também identificar os possíveis traços do machismo estrutural nos discursos proferidos nos comentários que, além de ampliar o conteúdo, trazem novas perspectivas e informações para o contexto discursivo de abordagem sobre a violência contra a mulher.

Referente aos itens de análise, a nível de identificação, denominaremos as duas *webnotícias* como “*webnotícia* 1” e “*webnotícia* 2” fazendo uma pertinente menção

[8] A análise não considerou as outras 13 publicações restantes devido ao período previsto para a conclusão deste trabalho.

às sintaxes de busca utilizadas na investigação. A primeira é referente à pesquisa da sintaxe de busca I, enquanto a segunda surgiu nos resultados da sintaxe de busca II.

Primordialmente, as capturas de tela foram realizadas através de um dispositivo Notebook. Reconhecemos que a disposição visual dos elementos tecnolinguageiros nessa interface contribuem mais significativamente com a proposta de análise do gênero digital, em razão de uma interface mais ampla.

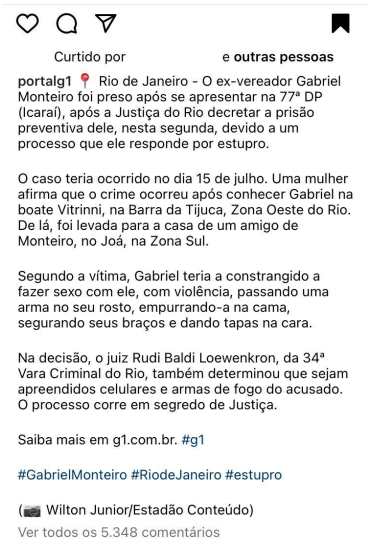
4.1 Descrição e análise da *webnotícia* 1

A *webnotícia* 1 a seguir, divulgada no dia 7 de novembro de 2022, pelo Portal G1 da Globo, revela que o ex-vereador da cidade do Rio de Janeiro Gabriel Monteiro foi preso ao se apresentar em uma delegacia após a acusação de estupro sob a qual responde processo pelo delito, que corre em segredo de justiça.

Figura 3: Captura de tela da *webnotícia* 1

Fonte: https://www.instagram.com/p/CkrMkfGp5Qb/ Acesso em: 21 jul. 2023.

Figura 4: Legenda da *webnotícia* 1


Curtido por e **outras pessoas**

portalg1 📍 Rio de Janeiro - O ex-vereador Gabriel Monteiro foi preso após se apresentar na 77ª DP (Icaraí), após a Justiça do Rio decretar a prisão preventiva dele, nesta segunda, devido a um processo que ele responde por estupro.

O caso teria ocorrido no dia 15 de julho. Uma mulher afirma que o crime ocorreu após conhecer Gabriel na boate Vitrinni, na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio. De lá, foi levada para a casa de um amigo de Monteiro, no Joá, na Zona Sul.

Segundo a vítima, Gabriel teria a constrangido a fazer sexo com ele, com violência, passando uma arma no seu rosto, empurrando-a na cama, segurando seus braços e dando tapas na cara.

Na decisão, o juiz Rudi Baldi Loewenkron, da 34ª Vara Criminal do Rio, também determinou que sejam apreendidos celulares e armas de fogo do acusado. O processo corre em segredo de Justiça.

Saiba mais em g1.com.br. #g1

#GabrielMonteiro #RiodeJaneiro #estupro

(📷 Wilton Junior/Estadão Conteúdo)

Ver todos os 5.348 comentários

Fonte: https://www.instagram.com/p/CkrMkfGp5Qb/ Acesso em: 21 jul. 2023.

Inicialmente, é possível observar que o primeiro referente introduzido no texto é o “Ex-vereador Gabriel Monteiro” que acaba por ser retomado imediatamente como “preso” logo após se apresentar na 77ª DP de Icaraí. Mais a frente, volta a aparecer no trecho da “prisão preventiva dele” que refere-se novamente ao primeiro referente, neste caso, o ex-vereador. O mesmo objeto de discurso é reativado na memória do leitor (Koch e Elias, 2006) outras vezes como “Gabriel”, por seu sobrenome “Monteiro”, “ele” e ainda como “acusado”, o que indica a construção plena da progressão textual fazendo jus às estratégias de retomada e remissões ao referente inicial. Ainda nessa progressão textual, mostra-se que a Justiça do Rio decretou sua prisão preventiva devido a um processo que “ele” responde por estupro. É então, que o referente “estupro” entra em cena e assume a posição de destaque na tessitura textual por um deslocamento de foco no texto.

No parágrafo adiante, em um primeiro momento, o objeto de discurso “estupro” surge como “caso” e, em seguida, já se apresenta após uma nova recategorização, neste caso, como “crime”. Esse processo de retomada, também conhecido como anáfora pode ainda receber uma outra denominação, neste caso, de anáfora especificadora, que em sua essência ocorre “quando se faz necessário um maior refinamento da categorização” (Koch e Elias, 2009, p.142). Melhor dizendo, esse processo trata-se da especificação gradativa de novas informações a respeito do referente em questão.

Ainda nessa direção, um último objeto de discurso constrói o co(n)texto de informações imprescindíveis à compreensão do interlocutor na legenda da *webnotícia*, este está presente no trecho “uma mulher afirma que o crime ocorreu” referindo-se a

quem fez a denúncia de estupro, construindo inclusive a rede referencial versada por Matos (2018) e voltando a aparecer novamente como “levada” no trecho “levada para a casa de um amigo de Monteiro” no momento em que é citada a data e as circunstâncias do acontecido. Mais a frente, esse mesmo referente aparece com uma recategorização, desta vez, como a “vítima”, evidenciando no discurso do autor do texto um juízo de valor sobre o sujeito-mulher, a seriedade e a veracidade da denúncia feita por esta.

Ao relatar o cenário, a mulher conta que após conhecê-lo em uma boate, Gabriel a levou para a casa de um amigo dele, no bairro de Joá, Zona Sul do Rio de Janeiro e conta que nesta casa teria sofrido investidas violentas por parte de Monteiro para convencê-la a manter relações sexuais com ele. Nesse parágrafo, o “lá” no trecho: “De lá, foi levada para a casa [...]”, assim como a data especificada em 15 de julho apresentam expressões dêiticas e indicativas do fenômeno das dêixis temporal e espacial na tessitura textual através de coordenadas de localização e tempo para o interlocutor ante o locutor primeiro, o autor da *webnotícia*.

No último parágrafo da legenda, a palavra “Justiça” reaparece como o mesmo referente do parágrafo inicial, no trecho “após a Justiça do Rio decretar a prisão preventiva dele”, mas desta vez, construindo uma rede referencial que perpassa o seu entorno com “juiz”, “34º Vara Criminal do Rio”, “apreendidos celulares e armas de fogo do acusado” e por fim, “processo”. Nesse sentido, a rede referencial se constitui a partir de uma reformulação da cadeia referencial com base na compreensão das relações estabelecidas entre os objetos de discurso e os cenários em que estes estão inseridos através do texto:

> Desta forma, tais redes são formadas por nódulos referenciais, ativados pelo contexto, estabelecendo uma série de associações de várias naturezas, funcionando como links, ou modos de conexões entre os referentes, os quais são todos interligados na construção e manutenção da coerência. (Matos, 2018, p. 169).

Finalmente, ao reconhecer tais processos na legenda da *webnotícia*, conseguimos inferir que as estratégias mobilizadas no texto contribuem ativamente para a progressão textual e para a realização absoluta da coesão e da coerência como intervenientes do processo de referenciação. Embora a predisposição da grande maioria dos textos jornalísticos apresentem – ou pareça que apresentem – um discurso neutro sediado por uma linguagem que “não” é intencional, esta não é de todo sem posicionamento. Isto justifica-se porque os referentes e as construções léxicas e semânticas-discursivas destes corroboram ou evidenciam, ainda que de forma tácita, o

projeto de dizer do produtor do texto, revelando assim, escolhas linguísticas feitas através de uma construção e de uma reconstrução de estratégias referenciais.

Considerando a natureza compósita do discurso digital, e no caso estudado, do tecnogênero *webnotícia*, prosseguimos com a análise, a partir da perspectiva da análise do discurso digital, que assinala o hibridismo entre linguageiro e tecnológico, por intermédio de ferramentas e elementos próprios do ambiente digital, que co-constroem sentidos.

Ao considerar as *hashtags* #GabrielMonteiro, #RiodeJaneiro e #estupro que aparecem presentes como tecnopalavras, logo após o fim da legenda da *webnotícia*, admitimos que a única delas que amplia discursiva e lexicamente o referente principal, do ex-vereador Gabriel Monteiro é a primeira com os seus respectivos nome e sobrenome. A forma tecnolinguageira que faz uso do símbolo #, além de permitir o fenômeno da investigabilidade citado e proposto por Paveau, acaba também por fazer parte do processo de ampliação enunciativa e de reticularidade observado nesses contextos de produção digital.

Sendo assim, o elemento de natureza *compósita* de segmentos linguageiro e informático simultaneamente imbricados, e consequentemente de caráter clicável, colabora direta e significativamente para a construção e ampliação do discurso do texto inicial. Desse modo, as publicações encontradas no grupamento da hashtag podem – ou não – relacionar-se diretamente ao nome de Gabriel Monteiro, podendo por vezes associar novas informações ao texto inicial, ou ainda construir um texto sob uma perspectiva completamente diferente do mesmo assunto. No entanto, em uma das primeiras publicações presentes na busca da *hashtag,* observamos uma estratégia diferente, a notícia tem como enfoque a cerimônia de casamento do ex-vereador com sua namorada, na Cadeia Pública Pedrolino Werling de Oliveira, no Rio de Janeiro, onde segue preso.

À vista disso, percebemos que ainda que haja uma ampliação enunciativa dos referentes, não é regra que haja paralelamente a este, o discurso ampliado do enunciado primeiro. Ainda que se faça uma correlação com as informações presentes no texto anterior, a outra *webnotícia* sinalizada pela *hashtag* evidencia um outro assunto, logo, um novo discurso e/ou problemática a partir desse referente já conhecido. Ressaltamos o fato de que, inclusive, a segunda *webnotícia* pode contribuir para “amenizar” perante o público a violência cometida contra a mulher que o denunciou por estupro, uma vez que apresenta a cena do casamento de ex-vereador. Ademais, além

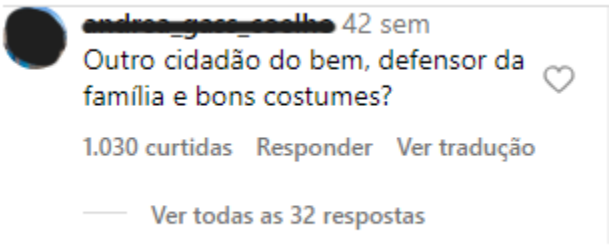
dos fenômenos apontados, a reticularidade atua igualmente na redocumentação dos textos, pois ações dos usuários das redes, como realizar a publicação e incorporá-la ao grupo de notícias através da relação com a *hashtag,* evidencia uma sequência de movimentos informáticos (atuação do algoritmo relacionado diretamente às pesquisas) e humanos na constituição desse conjunto de características que constituem o ambiente digital. Portanto, acerca da forma tecnolinguageira *hashtag*, entendemos que:

> A hashtag propõe, então, uma afordância comunicacional específica na rede [...], que implica formas endêmicas de participação discursiva (Paveau, 2022, p. 232).

Na perspectiva da análise do discurso digital, os comentários a um enunciado contribuem consideravelmente na ampliação discursiva deste. Agora, passemos à análise dos comentários presentes na *webnotícia*. Durante a análise da *webnotícia 1*, encontramos um total de 5.348 comentários, no entanto, tendo em vista a quantidade numerosa de comentários que as publicações apresentam e a impossibilidade de analisar todos, limitamos nossas discussões a dois deles. Consideramos mais relevantes e produtivos tais comentários para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa acerca da ampliação enunciativa desempenhada através da categoria dos comentários-online no gênero. Especificamos os comentários em a) e b) seguidos por "*webnotícia 1*".

A princípio, é importante saber que a seção de comentários na rede social do *Instagram* é organizada pelos números de curtidas e comentários-respostas feitos ao primeiro texto, ou seja, são dispostos em ordem decrescente do maior para o menor número de interações. Isso interfere diretamente na construção discursiva do conteúdo noticioso e, por consequência, nas opiniões expostas e, consequentemente, nos gestos enunciativos apresentados nos comentários evidenciados pelo *like* ou pelo próprio texto escrito. Pensando a partir disso, consideramos o comentário:

Figura 5: Comentário A – *Webnotícia 1*



Fonte: https://www.instagram.com/p/CkrMkfGp5Qb/ Acesso em: 21 jul. 2023.

No comentário, o questionamento “Outro cidadão do bem, defensor da família e bons costumes?” pode ser inferida a menção a um referente presente na *webnotícia*, mas que não é retomado ou recategorizado na frase: Gabriel Monteiro. É possível fazer tal dedução porque o ex-vereador se denomina um político da extrema-direita e um dos eleitores do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, que utiliza em sua estratégia retórica o discurso do “cidadão de bem, defensor da família e dos bons costumes” como assim aparece no comentário. A compreensão desse processo de referência a uma dada figura pública ou circunstância só acontece se há um conhecimento prévio do cenário no qual estão inseridos os interlocutores, e por isso, entendemos como estratégia de uma atividade sociocognitiva.

Sendo assim, é possível observar que a ampliação enunciativa presente neste comentário evidencia o posicionamento de um perfil que traz à tona a acusação que o ex-vereador sofre enquanto ironiza o discurso dos seus e de sua ideologia política. Nesse sentido, o comentário amplia o texto primeiro por tratar-se de uma extensão do que o antecede, ainda que esta se caracterize de forma crítica e divergente, o que revela também repulsa à violência cometida contra a mulher.

Por outro ângulo, o comentário aponta para um dado importante destacado pela pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil (2023):

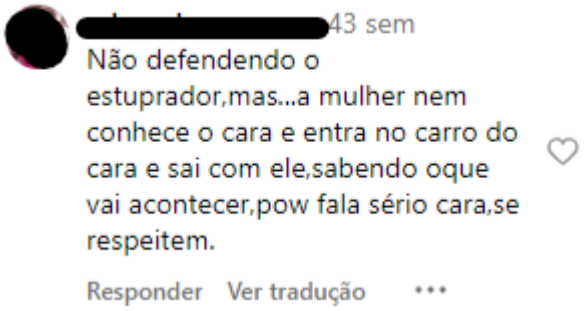
> O primeiro [fator], já identificado em outros relatórios publicados por nós, tem relação com o desfinanciamento das políticas de enfrentamento à violência contra a mulher por parte do Governo Federal nos últimos quatro anos (FBSP, 2022a). Nota técnica produzida pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc) mostrou que em 2022 ocorreu a menor alocação orçamentária para o enfrentamento da violência contra mulheres em uma década (FBSP, 2023, p. 8).

Em outras palavras, foi justamente a partir da eleição de Jair Bolsonaro que grupos ultraconservadores ganharam força e, mais ainda, em seu mandato que a pauta do enfrentamento à desigualdade de gênero passou a ser negligenciado e cerceado ao passo que a violência política e a violência contra a mídia e a jornalistas – principalmente mulheres – aumentaram e, assim, ironicamente um aliado político está sendo acusado de estupro. Logo, ao ironizar, o usuário dono do comentário-online recebe “concordâncias” com seu posicionamento/questionamento representadas pelos *likes* no comentário, bem como recebe comentários-respostas indicados pela frase que segue logo abaixo “Ver todas as 32 respostas” que não necessariamente seguem uma regra de concordância com o seu discurso. Não concentramos nossas observações na

sequência de comentários apresentada, utilizando-a apenas como exemplo do modo de operação da ampliação enunciativa, por isso, seguimos a análise com o comentário seguinte.

O comentário a seguir, além de constatar a categoria de ampliação enunciativa observada na análise, apresenta um discurso repleto de indícios do paradigma do machismo estrutural versado na seção de fundamentação teórica deste trabalho.

Figura 6: Comentário B – *Webnotícia 1*



Fonte: https://www.instagram.com/p/CkrMkfGp5Qb/ Acesso em: 21 jul. 2023.

A ampliação enunciativa acontece neste caso, através de uma retomada e nova recategorização do referente anteriormente presente na legenda, aqui, Gabriel Monteiro aparece pela primeira vez como “estuprador”, aplicando-se nesse momento um juízo de valor e um posicionamento do usuário da rede através do aspecto linguístico-discursivo acerca do que está sendo noticiado. O texto segue, retomando o objeto de discurso relativo à vítima, com “[...] a mulher nem conhece o cara e sai com ele, sabendo o que vai acontecer, pow fala sério cara, se respeitem”.

A partir disso, pensamos em como temáticas transversais, como a da violência contra a mulher podem ser inseridas no ensino da língua portuguesa, uma vez que é possível vislumbrar minimamente a importância do debate acerca da violência contra a mulher nas escolas de todo país, principalmente ao pensarmos na reflexão crítica sobre diversas manifestações discursivas machistas que culpabilizam, deslegitimam e discriminam (principalmente) mulheres violentadas.

> A violência que atinge meninas e mulheres tem como raiz os diferentes valores atribuídos culturalmente a mulheres e homens que determinam expectativas sobre seus comportamentos. É a desigualdade de gênero nas relações entre homens e mulheres, consolidada ao longo de centenas de anos, que delineia as assimetrias e produz relações violentas através de comportamentos que induzem as mulheres à submissão

(BIANCHINI, BAZZO E CHAKIAN, 2022 apud FBSP, 2023, p. 9).

Assim, ao ampliar discursivamente a *webnotícia* (texto primeiro), o comentário colabora sobretudo com a disseminação do machismo estrutural revelado nos discursos normalizados e naturalizados que circulam em sociedade. Dessa maneira, a enunciação do discurso estabelece uma compreensão não unicamente vinda da enunciação primeira, mas integrada a outras enunciações, prolongamentos temáticos ou metadiscursos, como bem pontua Paveau (2022). O comentário-online atua nesse contexto como a representação de uma extensão textual e discursiva da enunciação em foco, presente na *webnotícia*.

Esse tecnodiscurso segundo, apresenta aspectos constitutivos próprios como a conversacionalidade dada as infinitas possibilidades de permanecer comentando nas *webnotícias* das redes sociais e da recursividade que com a função de “responder” disponível, há uma recursividade ilimitada, o que, segundo Paveau (2022. p. 113) está “sempre sujeita à abertura dos comentários”.

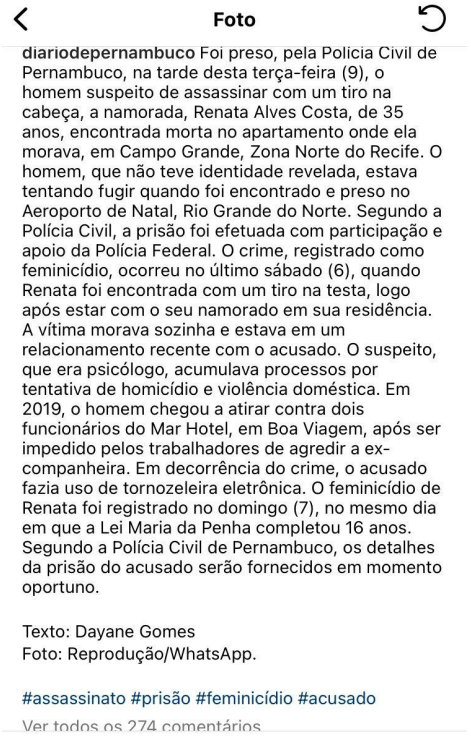
4.2 Descrição e análise da *webnotícia 2*

Dando prosseguimento à análise, a segunda *webnotícia* que compõe o *corpus* analisado trata da prisão de um psicólogo acusado de assassinar a namorada, em sua casa, após fugir e ser encontrado em outro estado passando a responder a acusação de feminicídio, de acordo com a Lei 13.104/2015, que considera homicídio qualificado e o inclui na lista de crimes hediondos.

Figura 7 - Captura de tela da *webnotícia* 2

Fonte: https://www.instagram.com/p/ChDqeT6LBqu/ Acesso em: 27 jul. 2023.

Figura 8: Legenda da *webnotícia* 2



Fonte: https://www.instagram.com/p/ChDqeT6LBqu/ Acesso em: 27 jul. 2023.

Inicialmente, o texto apresenta a introdução de um referente já operando com a primeira categorização em “preso” relacionado ao psicólogo, que, em nenhum trecho do texto tem o nome mencionado. Koch e Elias (2009) explicam que a introdução de um objeto de discurso inteiramente novo no contexto e na tessitura textual configura a introdução-não ancorada, como o nome já diz, não ancora sua ativação direta em nenhum outro referente previamente estabelecido no texto.

Ao passo que se concretiza a progressão textual da legenda, o referente inicial é recategorizado e retomado outras vezes no texto, evidenciando que este encontrou-se em foco durante toda a *webnotícia*. Como exemplos da recategorização encontramos nela “homem suspeito”, “homem”, “encontrado e preso”, “namorado”, “acusado” e por último, no trecho “psicólogo [que] acumulava processos por tentativa de homicídio e violência doméstica”. Algumas outras poucas ocorrências evidenciam o processo de retomada de referentes previamente estabelecidos no co(n)texto apresentado ao interlocutor. Como exemplo dessa estratégia, no trecho “o acusado fazia uso de tornozeleira eletrônica” surge “acusado” pela segunda vez no texto fazendo menção ao episódio de agressão contra a ex-companheira (referente ativado uma única vez), em um Hotel no bairro de Boa Viagem, Recife. Tratando do processo de recategorização, Koch e Elias explicam:

> Os referentes já introduzidos no texto podem ser retomados mantendo as mesmas características e propriedades ou, como é muito comum, com alterações e ou o acréscimo de outras [informações]. Isto é, passam a fazer parte de outra(s) categoria(s), além daquelas com que foram inicialmente apresentadas (Koch e Elias, 2009. p. 148).

Além disso, um outro referente é evidenciado no texto, inicialmente com a categorização de “namorada” do homem que foi preso, citado anteriormente. Este objeto de discurso apresenta a realização da anáfora indireta como estratégia na atividade discursiva da referenciação e compreende a ancoragem em elementos previamente dispostos no cotexto que estabelece a associação entre os elementos linguísticos na tessitura textual.

Dessa forma, toda a recategorização e retomada desse referente implica diretamente a mobilização do referente que lhe é associado no discurso. O objeto de discurso aparece em seguida, com o nome “Renata Alves Costa” e continuamente é (re)categorizado por diferentes expressões nominais, que dentro do contexto noticioso, constrói toda a conjuntura do crime e acrescenta informações a mais nessa figura importante do texto. Aparecendo em seguida em “Encontrada morta”, “ela” em “ela morava em Campo Grande, Zona Norte do Recife”, assim como “Renata”, “vítima” e “sozinha” são as muitas expressões que giram em torno do referente de Renata e mobilizam os processos referenciais durante a progressão do texto.

As redes referenciais que cercam os referentes do texto circulam entre as questões do assassinato de Renata e o registro do crime como feminícidio, que retratam

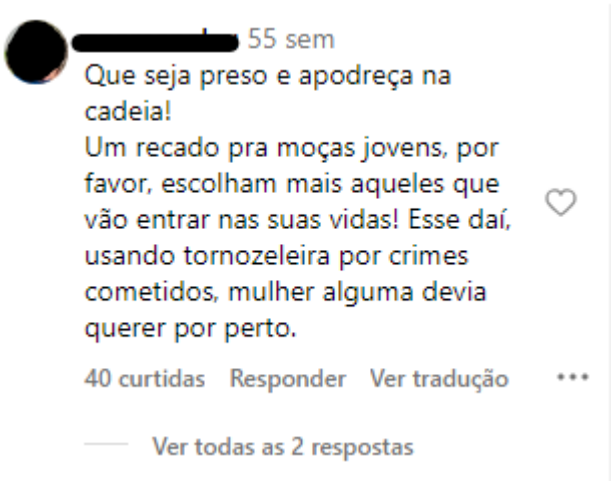
a relação das recategorizações dos objetos de discursos com os vestígios contextuais pertinentes a compreensão sociocognitiva das estratégias referenciais presentes na legenda (Matos, 2018).

Por se tratar de um texto de gênero e esfera jornalística, o fenômeno da dêixis se faz presente principalmente pela importância das informações de tempo e espaço que apresentam-se discursivamente através das coordenadas do aqui e agora, que precisam levar em consideração a posição do enunciador no contexto espaço-temporal versado por Cavalcante (2013). Na presente legenda, a dêixis temporal se realiza através das datas de prisão do homem (terça-feira, dia 9), data do crime (sábado, dia 6) e a fatídica coincidência do registro policial de feminicídio justo no dia que a Lei Maria da Penha completava 16 anos (domingo, 7), sendo todas as datas referentes ao mês de agosto do ano de 2022.

As *hashtags* nessa *webnotícia* não ampliam o discurso da legenda, pois segundo a característica da imprevisibilidade, as diversas publicações encontradas no nichos #assassinato, #prisão, #feminicídio e #acusado presentes no fim do texto, direcionam para centenas de outros assuntos e casos por se tratarem de *hashtags* genéricas, que englobam diversas buscas.

Neste momento, nos direcionamos para a categoria dos comentários analisados na *webnotícia apresentada*. Até o dado momento da coleta, a publicação comportava cerca de 274 comentários, e, mais uma vez, ao considerar o tempo e o vasto número de comentários discursivos presentes no material analisado, fizemos um recorte de um comentário inicial e dois comentários-respostas deste, avaliando a sequência completa e um outro independente, totalizando assim, quatro (4) comentários identificados por letras alfabéticas a), b), c) e d), como na análise anterior.

Figura 9: Comentário A – *Webnotícia* 2



Fonte: https://www.instagram.com/p/ChDqeT6LBqu/ Acesso em: 27 jul. 2023.

Este é o primeiro comentário de uma sequência de três, sendo que mais outros dois comentários foram feitos em resposta a este. Ao refletirmos sobre o discurso enunciado nesse comentário sobre a *webnotícia*, podemos perceber a representação de um discurso que permeia a sociedade brasileira acerca da ineficácia das leis condizentes aos crimes contra a mulher no país. Por isso, o comentário escolhido evidencia bem um anseio social expresso em tantos outros da mesma publicação: “Que seja preso e apodreça na cadeia!”.

A partir disso, é possível inferir a indignação do usuário da rede sobre o contexto judicial/penal brasileiro que libera frequentemente homens acusados e julgados de agredirem e ceifarem a vida de suas parceiras e ex-companheiras. O trecho inicial não apresenta qualquer elemento lexical que evidencie o referente do psicólogo que cometeu o crime, mas o contexto sociocognitivo disponibiliza pistas e indícios que direcionam para tal interpretação.

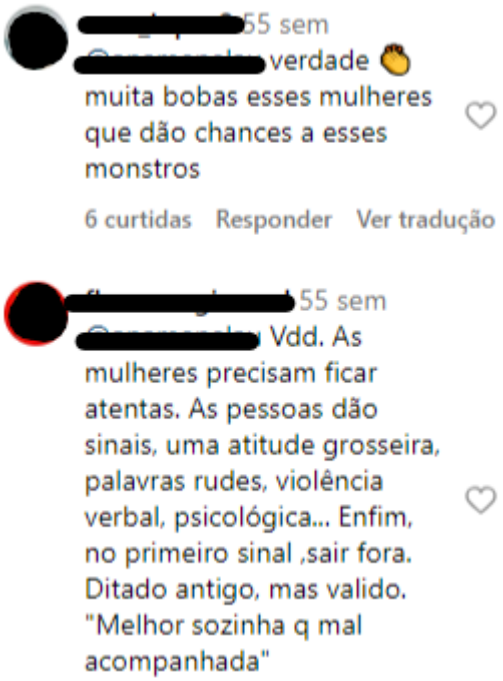
O comentário continua ainda com um recado: “Um recado pra moças jovens, por favor, escolham mais aqueles que vão entrar nas suas vidas! Esse daí, usando tornozeleira por crimes cometidos, mulher alguma devia querer por perto”. A ampliação enunciativa se estabelece então, desde o início do comentário, como uma extensão discursiva e temática do enunciado primeiro. Através das características da ampliação enunciativa e discursiva, a conversacionalidade dos comentários digitais constitui:

> No plano do fio discursivo, os comentários prolongam o texto, às vezes fazendo seu autor intervir, e, às vezes, provocando atualizações no texto primeiro. Finalmente, os comentários têm um impacto semântico no texto, ao orientarem sua leitura e, portanto, sua produção de sentido (Paveau, 2022, p. 113).

Ou seja, a construção enunciativa no ambiente digital não se consolida apenas pelo texto primeiro, mas pela relação deste com outros unida à característica da conversacionalidade presente no comentário digital. Ademais, no comentário em tela, há também uma mensagem às mulheres que apresenta carga semântica construída para uma certa responsabilização da mulher, mesmo sendo vítima de atos violentos.

Os comentários A e B a seguir, são comentários-respostas do último comentário analisado. Portanto, além da relação discursiva existente entre ambos, discorremos também sobre o machismo estrutural presente nas minúcias dos enunciados dos tecnodiscursos no ambiente digital.

Figura 10: Comentários B e C – *Webnotícia* 2



Fonte: https://www.instagram.com/p/ChDqeT6LBgu/ Acesso em 27 jul. 2023.

Ambos os comentários evidenciam posicionamentos semelhantes ao primeiro, com algumas pequenas diferenças de uso lexical; no comentário B acima temos: “verdade” e um emoji como recurso ilustrativo de palmas batendo como se estivesse parabenizando a fala anterior, seguido de “muito bobas essas mulheres que dão chances a esses monstros”. Mais do que um prolongamento do texto noticioso, o comentário revela uma visão de senso comum estruturalmente e socialmente machista que é a da mulher como sexo frágil, um entendimento que perpassa as manifestações de machismo, das mais evidentes as mais sutis. Ao refletirmos sobre o comentário,

observamos que o discurso social mostra-se revelador de um entendimento naturalizado na crença de que há uma hierarquia natural do masculino (superior) com o feminino (inferior).

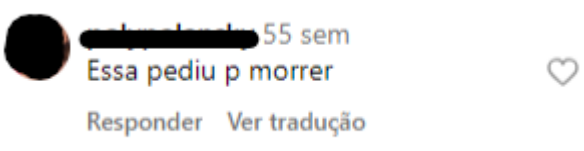
Nesse sentido, Hintze (2021, p. 42) fala de “**cuidado** (mas um cuidado que despersonaliza, deslegitima e produz aquela que é cuidada como inferior)”, neste caso, a “boba” e vulnerável são características geralmente atribuídas à vítima, nesse contexto, vítima da última instância da violência contra a mulher: o feminicídio. Bem como atribui-se a naturalização de uma cultura machista que é intrínseca também à certas mulheres, mesmo após tantas décadas e séculos que os valores morais são compartilhados, ou melhor dizendo, impostos nos grupos sociais.

O comentário C apresenta um discurso mais alarmante, também concordando com o comentário inicial com a abreviação de verdade em “Vdd”. Na sequência, afirma ainda que as pessoas, no caso, homens com histórico de violência, dão pistas com “uma atitude grosseira, palavras rudes, violência verbal, psicológica…” e “no primeiro sinal, sair fora”. Diferentemente do comentário B, este assume um posicionamento crítico centrado nas múltiplas formas de violências sofridas por uma mulher – geralmente em relacionamentos abusivos.

Sobre os tipos de violência, Hintze (2021) explica que o machismo estrutural atua como forma ativa do preconceito e discriminação contra todos aqueles que representem identidade ou expressão de gênero diferente do masculino e que, além disso, enxerga a mulher enquanto representação de submissão e inferioridade, principalmente nos relacionamentos heteroafetivos. Dessa forma, o feminicídio noticiado no texto analisado é entendido como forma de dizimar a vida e a liberdade de mulheres, que são vistas como propriedade de homens violentos, geralmente com traços tóxicos e abusivos.

O último comentário da *webnotícia,* a ser analisado, é o comentário D constituído pela frase “Essa pediu p(ra) morrer”. Apesar de não incluir ou retomar qualquer referente presente na legenda, infere-se que a expressão nominal “essa” refere-se a Renata Alves Costa, de 35 anos. Portanto, é essencial sempre considerar o ponto de partida do discurso, a partir do contexto e/ou da bagagem de conhecimentos prévios e do cotexto apresentado ao interlocutor.

Figura 11: Comentário D – *Webnotícia* 2



Fonte: https://www.instagram.com/p/ChDqeT6LBqu/ Acesso em: 27 jul. 2023.

De início, é notória a presença evidente da ampliação enunciativa do texto primeiro, provavelmente motivada pelas circunstâncias em que ocorreu o crime e o histórico de violência doméstica e tentativa de assassinato do namorado da vítima. Isto porque, ao afirmar que a vítima teria "pedido para morrer", pode-se deduzir que esta refere-se à relação vivida por Renata com um homem que utilizava tornozeleira eletrônica, o que lhe daria a possibilidade de conhecer previamente o histórico de agressões e violência na ficha criminal do psicólogo. Isto geralmente mobiliza nas pessoas uma expectativa de "precaução" precedente por parte da vítima, em contextos de violência extrema como esse. No entanto, esse discurso só direciona a responsabilidade dos casos para as vítimas mulheres, que quando não estão sendo enterradas pela família, estão passando por árduos processos de terapia psicológica e ressignificação de si mesma:

> A naturalização da submissão da mulher e da sua desvalorização é o motivo elementar de diversos crimes efetivados contra as mulheres todos os dias, razão pela qual se deve ter em mente que a opressão patriarcal-machista mata, seja por morte rápida e cruel, seja por ceifar oportunidades e sonhos de mulheres que se perdem meio a essa guerra sexista (Hintze, 2021, p. 70).

A violência contra a mulher é sistêmica e provavelmente por isso, o paradigma do machismo estrutural perpetua tantos discursos, costumes e crenças na sociedade. Uma engrenagem massante que mobiliza e ocupa espaços como o da igreja, família e escola ainda consegue fincar suas concepções nas relações de homens e mulheres na sociedade. Dispõe inclusive, de diversos discursos "naturalizados" e "normalizados" (re)produzidos por homens e mulheres como retrato do cotidiano social brasileiro que frequentemente culpabiliza a vítima e justifica a violência por inúmeras razões – injustificáveis.

Não obstante, reproduz os discursos de preconceitos e discriminação para grupos sociais distintos e perpassa de uma geração para outra, um legado de crenças, costumes, herança cultural, ritos, falas e valores morais que violentam e cerceiam as vivências de centenas de milhares de mulheres que enfrentam esse embate todos os dias. Pensar nessas questões a partir do contexto da sala de aula e de ferramentas didáticas propositivas faz-se extremamente necessário por enxergarmos o caminho distante que a sociedade ainda precisa percorrer para alcançar uma sociedade justa e igualitária nos termos de dignidade humana dos gêneros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa desenvolvida, reconhecemos a importância e relevância dos estudos e pesquisas de tecnogêneros de discurso na área da Linguística Textual ao refletirmos sobre as infinitas possibilidades discursivas que a produção e os sentidos do texto sugerem. Assim, buscamos concentrar os estudos dos fenômenos pertinentes às discussões de análise propostas no trabalho, refletindo também sobre a temática sobre a violência contra a mulher.

Principalmente no que diz respeito à construção dos referentes nas legendas das *webnotícias* analisadas, selecionadas por abordarem o tema do tratamento violento de mulheres, é possível perceber ocorrências frequentes dos processos de introdução referencial, recategorização e retomada enquanto estratégias que contribuem ativamente para a progressão e manutenção textual, estabelecendo simultaneamente a construção da coesão e da coerência das informações – que se renovam continuamente através das recategorizações – trazidas no texto.

Além dos processos citados, observamos as dêixis de espaço e tempo como partes constituintes dos contextos expressos nas *webnotícias*, as quais servem de ferramentas para localizar o interlocutor no tempo-espaço em que o enunciador do texto se encontra e, a partir disso, compreender a conjuntura e as especificidades da violência contra a mulher noticiada em seu contexto amplo.

Como dito anteriormente, perceber tais processos referenciais faz-se de extrema relevância para os estudos da referenciação por investigar as formas de construções textuais e quais estratégias e recursos linguísticos-discursivos estão sendo utilizados pelas páginas de perfis jornalísticos para alcançarem o seu principal objetivo: comunicar e informar.

Ao observarmos a maneira que os processos referenciais operam como atividade sociocognitiva que atuam efetivamente na leitura das *webnotícias*, levamos em consideração o contexto social do país, no tocante à temática da violência contra a mulher, na abordagem das discussões sucedidas, direcionando principalmente o olhar da investigação para a categoria de ampliação enunciativa empreendida em alguns dos comentários das publicações.

Destacamos pois, que os comentários selecionados ampliam enunciativa e discursivamente os textos das *webnotícias*, admitindo inclusive, a característica de ampliação enunciativa e discursiva do tecnodiscurso do comentário digital. Esse fenômeno atua diretamente na elaboração, construção e extensão contínua do texto

inicial, com ricas possibilidades de aproveitamento e problematização dos diferentes discursos enunciados sobre um mesmo assunto no ambiente digital.

Além de prolongarem os textos primeiros, os comentários evidenciam novos e diferentes posicionamentos e discursos sobre a temática, implicando inclusive na (re)produção de um paradigma estrutural em debates sociais de gêneros como o da violência contra a mulher no Brasil.

Dessa forma, conseguimos lograr nosso objetivo de reconhecer as implicações da ampliação enunciativa nos comentários propostos no início do trabalho, sugerindo ainda, uma reflexão acerca das diversas camadas do machismo estrutural que se manifestam ora de forma escancarada e ora de maneira sutil nos discursos apontados nos comentários das *webnotícias* analisadas.

Sendo assim, mostra-se pertinente destacar aqui, uma questão presente nos comentários discursivos observados: os discursos denotam constantemente espaços de culpabilização da vítima nos cenários de violência, seja sexual ou até mesmo o feminicídio, ainda que não se aliem aos agressores. Posto isto, é possível perceber que o machismo mata e atua livremente nos discursos de homens e mulheres em sociedade e alerta para uma urgente reflexão, no âmbito escolar e social, acerca do assunto.

Diante disso, propomos uma reflexão sobre a violência contra a mulher enquanto temática transversal sugerida pelo Currículo de Pernambuco (2021), com o objetivo de conceber possibilidades didáticas e metodológicas de abordagem nas aulas de língua portuguesa. Ao considerar sobretudo o texto e as construções de sentido que este apresenta, é plenamente possível levar o debate para a sala de aula e direcionar os estudantes através dos aspectos multissemióticos do próprio ambiente digital para um pensamento crítico e reflexivo sobre a violência contra a mulher, seu processo sociohistórico e cultural e os possíveis encadeamentos que sucedem as discussões na sociedade atual para o enfrentamento de tal problema.

Principalmente relacionado à temática da violência contra a mulher, o trabalho de análise buscou fomentar o olhar crítico para o gênero *webnotícia* à medida que incita um pensamento reflexivo e provocador acerca da transversacionalidade do tema integrador do currículo na sala de aula. Assim como outras alternativas de trabalhos transdisciplinares em conjunto com diferentes disciplinas.

As Leis Maria da Penha e do Feminicídio podem servir como ferramentas de proposição de debates sobre o assunto, pensando essencialmente na nomeação das violências e do discurso discriminatório para com as mulheres através de tais leis. Ademais, a escola enquanto espaço sociocultural que forma crianças e jovens para a

vida cidadã tem o compromisso de possibilitar debates e discussões de forma crítica e integradora. E os educadores têm a missão de propor trabalhos e experiências didáticas que os ajudem a nomear e identificar as violências e consequentemente, combatê-las no intuito de conscientizar preventivamente não apenas a comunidade escolar, mas toda a sociedade.

Findamos nossas considerações finais confiantes de que o trabalho tenha alcançado seu propósito e com a expectativa de que outras e novas abordagens de diferentes perspectivas continuem contemplando o trabalho com os gêneros nativos digitais, do campo jornalístico-midiático. É urgente que a escola promova discussões persistentes e provocadoras do pensamento e da leitura crítica sobre o problema arraigado no Brasil da violência contra a mulher, além de estimular e incentivar o trabalho com essa temática transversal, no intuito de descortinar o comprometimento das aulas de língua portuguesa com a formação dos estudantes e a garantia do seu compromisso social com o ensino.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade:** Feminismos Plurais. São Paulo: Ed. Letramento, 2018.

Benevides, Bruna G. **Dossiê**: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022 / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023. 109p.

BRASIL, Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Planalto. Brasília-DF, 2015 (Lei Maria da Penha). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm> Acesso em: 18 jul. 2023.

BRASIL, Lei Nº 13.104, de 9 de março de 2015. Planalto. Brasília-DF, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015- 2018/2015/lei/l13104.htm> Acesso em: 17 jul. 2023.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organisational analysis.** London: Heinemann, 1979.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

CORTEZ, S. L. A anáfora no processamento textual (The anaphora in textual processing). Estudos da Língua(gem), *[S. l.]*, v. 10, n. 2, p. 11-29, 2012. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1182. Acesso em: 21 ago. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e Invisível**: a vitimização de mulheres no Brasil. 4.ed. 2023. Disponível em: <visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf (forumseguranca.org.br)>. *Acesso* em 27 de jun. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HINTZE, Helio. **Desnaturalização do machismo estrutural na sociedade brasileira**. São Paulo: Paco e Littera; 1a edição, 2020.
https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-4a-edicao/ Acesso em: 03 de mar. 2023.

JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Hailey. **Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais**. Revista Cronos, v. 11, n. 2, 28 nov. 2012.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Leitura, texto e sentido**. In: __. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Anáfora indireta**: o barco e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). Referenciação e discurso. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

MATOS, Janaica Gomes. **As redes referenciais na construção de notas jornalísticas**. Tese(Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PAVEAU, M. A. L'analyse du discours numérique – dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017.

PAVEAU, M-A. Trad. LOURENÇO, J; BARONAS, R. Análise do discurso digital: dicionário das formas e práticas. 2. ed. Pontes Editores, 2022.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. Currículo de Pernambuco: ensino médio. Recife: A Secretaria, 2021. Disponível em: https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/a-curriculo-de-pernambuco-2021,71fb419d-80f1-4d93-a9b1-c8f20bffc5da. Acesso em: 13 ago. 2023.

PROLO, I.; LIMA, M. C.; SILVA, L. F. da (2018). **Os desafios na adoção da tradição interpretativista nas ciências sociais**. Diálogo, 39, 25–37. https://doi.org/10.18316/dialogo.v0i39.4110.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2019. (Feminismos plurais).

RUEDIGER, M. (Coord.). **Nem tão simples assim**: o desafio de monitorar políticas públicas nas redes sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, DAPP, 2017.

SCOTT, j. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Vol. 20 (2), jul/dez. 1995.

SOARES, E. **Mulher do Fim do Mundo**. São Paulo: Circus, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-09qfhVdzz8. Acesso em 20 jul. 2019.

Soares, Jessyga Tavares. **Referenciação e compreensão nas provas do ENEM**: uma análise das redes referenciais em itens com textos multissemióticos / Jessyga Tavares Soares.- Recife, 2023.

TOMAZETTE, M. **A contribuição metodológica de Max Weber para a pesquisa em ciências sociais**. Universitas Jus, v. 17, 2008.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Ática, 1987.
WINTER, Y. **Flexibility principles in boolean semantics:** the interpretation of coordination, plurality, and scope in natural language. Cambridge: The MIT Press, 2002.